An open book is shown from a top-down perspective, lying flat. A bright, golden light emanates from the center of the book, creating a vertical beam of light that extends upwards. This light is surrounded by a dense, chaotic shower of various letters, numbers, and symbols (like pi and infinity) that appear to be falling or floating in the air. The background is a warm, golden-brown color with a subtle gradient. The overall effect is one of knowledge being disseminated or ideas being shared.

Estratégias para o Plantio de Igrejas

Ronaldo Lidório

Estratégias para o Plantio de Igrejas © 2011 Instituto Antropos
Publicado em português
© Ronaldo Lidório. Todos os direitos são reservados

1ª edição – 2011

Editoração e Arte
Gedeon Lidório

Revisão
Kézia Lidório

Ficha Catalográfica

Lidório, Ronaldo
Estratégias para o Plantio de Igrejas / Ronaldo Lidório.
Manaus. Instituto Antropos, 2011

1. Plantação de igrejas 2. Missões 3. Teologia Bíblica



INSTITUTO
ANTROPOS

PESQUISA SOCIOCULTURAL E MISSIOLOGIA APLICADA

www.instituto.antropos.com.br

Sumário

Capítulo 1 – Construindo estratégias para o plantio de igrejas

O modelo Paulino de desenvolvimento de estratégias

Realidades que limitam o desenvolvimento de estratégias:

- Gigantismo sem mobilidade
- Centralização e elitização do clero
- Ausência de estrutura física e logística facilitadora do crescimento
- Foco no gerenciamento da instituição e não no pastoreio de pessoas
 - A perda do hábito evangelizador
 - Ausência de planejamento, alvos e organização

Capítulo 2 – Estratégias essenciais para o plantio de igrejas

Estratégia 1 – Pesquisa e compreensão da sociedade local

Estratégia 2 – Abundante evangelização

Estratégia 3 – Comunicação de um evangelho Cristocêntrico

Estratégia 4 – Oração

Estratégia 5 – Organização de igrejas locais

Estratégia 6 – Discipulado e treinamento de líderes

Estratégia 7 - Envolvimento social que promova ações sociais

Estratégia 8 – Desenvolvimento do perfil do plantador de igrejas

Capítulo 3 – O Espírito Santo no processo de plantio de igrejas

A essência da pessoa do Espírito Santo e Sua função na Igreja de Cristo

A essência da pessoa do Espírito Santo e Sua função entre os perdidos

A clara ligação entre os avivamentos históricos e os movimentos missionários

Conclusão

Trabalhos citados

Introdução

Creio que as estratégias de evangelismo e plantio de igrejas devem ser construídas de acordo com os fundamentos missiológicos numa perspectiva bíblica, contextualizada e aplicável.

Michael Green¹ defende que as estratégias evangelizadoras no primeiro século eram claras, simples, envolventes e comunitárias. Ou seja, não eram complexas demais para serem reproduzidas apenas por um grupo restrito. Não eram obscuras, impedindo assim que sua compreensão escapasse da compreensão do povo. Não eram elitizadas, pois poderiam ser viabilizadas por todo crente em sua área de vivência.

As estratégias são formas através das quais aplicamos um princípio. O princípio da evangelização bíblica, cristocêntrica, mandatária e transformadora utilizará de diferentes formas em diferentes contextos para que a mensagem seja compreendida de maneira inteligível e relevante.

Na década de 50, com a invasão comunista na China, os poucos missionários protestantes foram forçados a deixar o país. Proclamou-se naqueles anos a morte da igreja chinesa, que contava com poucas centenas de convertidos maduros que, por sua vez, sofriam forte perseguição. A adoração pública a Deus foi tolhida, a evangelização e testemunho pessoal do evangelho, proibidos, as reuniões, perseguidas. Os programas de treinamento de líderes locais desapareceram juntamente com as organizações missionárias nesses primeiros anos. A igreja chinesa, porém, passou a utilizar ambientes menos públicos para se reunir, em grupos pequenos, transmitindo a mensagem a partir de relacionamentos sempre individuais, enfatizou a teologia bíblica que

¹ Michael Green, Methods and strategy in the evangelism of the early church. Em Let the earth hear his voice. International congress on world evangelization, ed. J.D.Douglas, 159-172. Minneapolis, MN: World Wide Publications, 1975.

expõe o sofrimento necessário e produtivo dos santos e valorizou a Palavra que, contrabandeada, chegava aos lugares mais distantes. Esse pacote de aplicativos seria a estratégias utilizadas, de forma intencional ou não. As mesmas sempre variam de lugar para lugar, tempo para tempo, de circunstância para circunstância. Desejar uniformizar as estratégias evangelísticas e de plantio de igrejas seria uma ingenuidade do ponto de vista sócio-humano, visto que o homem muda, frequentemente, sua forma de se agrupar, relacionar, comunicar, compreender e vivenciar verdades. Os princípios, porém, permanecem.

Apesar de concordar com as expressões de Newbiggin e Van Egen sobre a necessidade de uma evangelização direcionada ao homem e não ao grupo, e esse homem inserido no contexto da vida, desenvolveremos neste capítulo uma abordagem comunitária no processo de plantio de igrejas. Ou seja, exporei aqui possíveis estratégias a serem utilizadas para um grupo específico e não um indivíduo, seja um segmento social urbano, um bairro em uma cidade ou mesmo uma etnia definida.



Capítulo 1

Construindo estratégias para o plantio de igrejas

Na conferência de Wheaton, influenciada pela missiologia de McGravan e Glasser, declarou-se que “a missão da Igreja é plantar igrejas em todas as comunidades da terra”.² Defendeu-se que Jesus deseja ser conhecido por todo homem. Que seu sacrifício está banhado por um perfil kerygmático, proclamativo. Que a missão de Deus envolve o mundo e não parte dele. Que é preciso levar esse evangelho a todos os agrupamentos sócio-humanos na terra. Que isso é feito através da evangelização fundamentada nos princípios da Palavra e no plantio de igrejas vivas, missionárias e relevantes na sociedade.

Se cremos assim, o plantio de igrejas é a forma mais eficiente, autossustentável e duradoura de comunicar o evangelho dentro de um perímetro local, seja um bairro em contexto urbano, seja uma etnia culturalmente definida, pois gera demanda pela comunicação de um evangelho culturalmente compreensível, estabelece localmente o Reino e duplica o efeito missionário, uma vez que igrejas plantam igrejas.

O modelo Paulino de desenvolvimento de estratégias de plantio de igrejas

A dificuldade em lidar com estratégias de plantio de igrejas é que em cada diferente contexto certas abordagens são mais aplicáveis que outras. Ou seja, as estratégias de comunicação e plantio de igrejas estão interligadas aos princípios de contextualização. Dessa forma, a simples reprodução do modelo de igreja que conhecemos, em um ambiente distinto, pode ser catastrófica, pois promoverá apenas a forma e não o

² Declaração de Wheaton 1966, 467; Moreau 2000a, 223

princípio que deve ser transmitido com fidelidade. No coração das secas savanas africanas do Norte de Gana, missionários coreanos iniciaram um processo de plantio de igrejas a partir do levantamento de uma grande estrutura física que possibilitasse o ajuntamento. Assim, o templo, bem construído, poderia abrigar um bom número de pessoas da tribo Frafra. Suas salas de oração eram bem divididas e a construção poderia ser vista de longe como um marco daquele trabalho. Porém, esse templo não foi utilizado como planejado por diversos fatores. Primeiramente, o povo Frafra não possui o costume de se ajuntar com frequência, preferindo pequenas reuniões com poucas pessoas. Também jamais se reuniu em lugares fechados, o que lhes causou pavor. O próprio piso do templo e lindas cores nas paredes também refletiam o óbvio: era um lugar para os brancos. Essa experiência nos mostra algo simples que precisamos compreender: a reprodução do modelo da igreja-mãe, ou igreja enviada, não irá, necessariamente, colaborar para uma boa comunicação dos valores do evangelho. Precisamos distinguir o essencial do evangelho com sua roupagem cultural cristã moderna ocidentalizada.

Pensemos na estratégia de Paulo. Em Antioquia da Pisídia, ele iniciou o evangelismo a partir da sinagoga, pregando aos judeus. Esses ficaram tão impressionados que convidaram os missionários a voltarem na outra semana (At 13.13-48). Em Icônio, a mensagem comunicada na sinagoga não convenceu a maioria. Paulo e Barnabé foram então usados por Deus manifestando Sua graça através de milagres e maravilhas (At 14.1-4). Em Listra, não há referência de Paulo pregando na sinagoga. Usado por Deus para a cura de um homem, Paulo fez desse momento uma ponte para pregar o evangelho a toda uma multidão (At 14.8-18). Em Tessalônica, Paulo pregava na sinagoga durante os sábados e na praça durante a semana. Historicamente, ele se postava na “petros”, um suporte de pedra à saída do mercado, para anunciar diariamente a palavra do Senhor para os que por ali passavam (At 17.1-14).

Portanto, encontramos no ministério de um só homem, em uma mesma geração, diferentes abordagens e estratégias. Paulo fala a multidões, mas também visita de casa em casa. Ele prega aos judeus na sinagoga, mas também o faz fora da sinagoga. Utiliza praças e mercados,

jamais deixando de proclamar às multidões, mas se devota a indivíduos para discipulá-los e treiná-los para a liderança local. Devemos, portanto, primeiramente compreender que não há estratégias fixas para a proclamação do evangelho. Há, apenas, princípios fixos.

Em certas regiões, com urbanização ainda provinciana e doméstica, o evangelismo de porta em porta é funcional, bem acolhido pela maioria e processado em um ambiente de credibilidade social que é o lar. Em outras regiões, com urbanização mais metropolitana e privativa, torna-se quase impossível tal atividade evangelística perante os condomínios fechados e uma cultura de isolamento. No primeiro, o homem é um ser comunitário e social, definido pelo seu grupo. No segundo, o homem é um ser individual e existencial, definido por si mesmo, seus desejos e volições próprias. Todas as estratégias devem ser avaliadas de acordo com o contexto a serem aplicadas, senão fracassarão.

Observamos no ministério paulino de plantio de igrejas a percepção de que o homem é o alvo do evangelho. As abordagens, ou estratégias, devem variar de acordo com a forma desse homem se agrupar e pensar, porém o alvo deve ser mantido de forma clara e constante. Assim, seja pregando a três pessoas em uma praça pouco movimentada ou a milhares em uma grande conferência evangelística, ou ainda proclamando o evangelho a uma família no aconchego de sua casa, sala de aula ou trabalho, o alvo é relacionar-se com o homem e gerar ali um ambiente em que o evangelho possa ser a ele comunicado e por ele compreendido.

No modelo paulino de plantio de igrejas podemos observar que as principais estratégias utilizadas foram:

- a) Introduzir-se na sociedade local a partir de uma pessoa receptiva ou um grupo aberto a recebê-lo e ouvi-lo;
- b) identificar ali o melhor ambiente para a pregação do evangelho, seja público como uma praça ou privado como um lar;
- c) evangelizar de forma abundante e intencional, a partir da criação ou da promessa, sempre desembocando em Cristo, Sua cruz e res-

surreição;

d) expor a Palavra, sobretudo a Palavra. Expor de tal forma que seja ela inteligível e aplicável para quem ouve;

e) testemunhar do que Cristo fez em sua vida;

f) incorporar rapidamente os novos convertidos à igreja, à comunhão dos santos, seja em uma casa ou um agrupamento maior;

g) identificar líderes em potencial e investir neles; seja face a face ou por cartas;

h) não se distanciar demais das igrejas plantadas, visitando-as e se comunicando com as mesmas, investindo no ensino da Palavra;

i) orar pelos irmãos, pelas igrejas plantadas e pelos gentios ainda sem Cristo, levando-as também a orar;

j) administrar as críticas e competitividade, sem permitir que tais atos retirem o foco evangelístico;

l) utilizar a força leiga e local para o enraizamento e serviço da igreja;

m) investir no ardor missionário e responsabilidade evangelística das igrejas plantadas.

Entre os Konkombas em Gana, ao plantarmos as primeiras igrejas, utilizamos das mais diversas estratégias. As mulheres, muito ocupadas, tinham um tempo mais livre apenas a caminho do rio para buscar água. Os velhos sentavam-se embaixo das grandes árvores ao final da tarde. Os jovens e homens casados estavam livres apenas durante a noite. As crianças corriam soltas o dia inteiro. Ali os evangelizamos: a caminho do rio, embaixo das árvores, mais tarde nas palhoças e brincando com as crianças. Durante anos fizemos isso sistematicamente. Usamos histórias e ilustrações bíblicas. Encenamos alguns atos do evangelho. Expusemos com detalhes o plano de salvação. Usamos símbolos da natureza para explicar a criação, seus provérbios para falar sobre o pecado, suas músicas que comprovavam o desespero no qual viviam. O centro era o evangelho, repetido várias vezes. A mensagem era Cristo, Sua vida e cruz. Nem todas as estratégias funcionaram bem, ou de forma constante. Mas, muitas foram essenciais e percebo que a abundância na evangelização em múltiplas estratégias de comunicação facilita o processo inicial de plantio de igrejas. É o princípio do lançar a semente, sem

saber qual germinará.

A Palavra de Deus foi um elemento centralizado no nascimento e crescimento da Igreja mencionada em Atos. Em Atos 6.7, 12-24 e 19.20, a Palavra é o agente condutor do crescimento da Igreja. Em Atos 20.32, Paulo recomenda os líderes em Éfeso à Palavra de Deus. Ou seja, o apóstolo Paulo vê na Palavra de Deus o conteúdo e poder para a transformação do homem e a utiliza de forma abundante e fiel. Uma das visíveis limitações nas atuais estratégias evangelísticas é o desuso da Palavra de Deus. Histórias, encenações, músicas e apelos são feitos, não raramente, de forma comunicativa, descontraída e interessante, mas sem o conteúdo da Palavra. As estratégias evangelísticas não devem estar jamais dissociadas da Palavra. Ao contrário, devem ser instrumentos para que a mesma seja colocada diante de todo homem. Devemos compreender que é a Palavra de Deus, e não a capacidade humana, que produz frutos. Toda eloquência ou criatividade que possamos ter jamais será capaz de transformar vidas. No desenvolvimento das estratégias evangelísticas paulinas, creio que o apóstolo partia das seguintes perguntas: de que forma, com que expressões, com qual abordagem, comunicarei a Palavra de Deus, clara e viva, a este grupo? Estratégias possuem valor se elaboradas para comunicar o poder de Deus, a Sua Palavra.

Realidades que limitam o desenvolvimento de estratégias saudáveis para o plantio e crescimento de igrejas

Jorge Barro, em seu relevante livro *Uma Igreja Sem Propósitos*,³ observa com clara fundamentação bíblica os vícios que se perpetuam na Igreja após dois mil anos de Cristianismo. O fato é que uma eclesiologia desgastada, frequentemente, compromete a saúde e, consequentemente, a capacidade de reprodução de uma igreja local.

Observaremos aqui algumas realidades que podem impedir o desenvolvimento de estratégias para o plantio e crescimento de igrejas locais. Tais realidades devem ser avaliadas em cada contexto. Sugiro um autoexame ministerial, caso você esteja envolvido em uma visão de

3 *Uma Igreja Sem Propósito*. Editora Mundo Cristão, 2004.

plantio ou crescimento de uma igreja local.

Gigantismo sem mobilidade.

Ariovaldo Ramos, em seu livro *Nossa Igreja Brasileira*,⁴ afirma que “Jesus não nos ordenou ser uma igreja que cresce, mas uma igreja que aparece – ‘Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens’.” De forma instigante e reflexiva, Ariovaldo nos chama a atenção para a missão da Igreja e o desenvolvimento de modelos falhos na sinalização do Reino, e adverte que trocamos o amadurecimento pelo crescimento. O gigantismo é um fenômeno que pode travar igrejas de 300 membros como também as de 30 mil. Ocorre quando a igreja local gera uma estrutura pesada demais que a impede de caminhar fora de seu ciclo interno. Toda a energia, recursos financeiros, recursos humanos, tempo e solução de conflitos são investidos para a demanda da própria membresia, sobrando pouco ou nada para as ruas onde estão a prioridade de Cristo.

Dick Sgoggings,⁵ consultor para desenvolvimento de estratégias de plantio de igrejas da Missão Pioneers e diversas outras organizações, afirma que o gigantismo precede a extinção no mundo animal e que esse fenômeno pode ser também observado nas dinâmicas de plantio e crescimento de igrejas. Nesse caso, pode-se observar que igrejas e movimentos missionários, grandes e pesados demais, tendem a perder a facilidade de se reproduzirem, especialmente quando o movimento de massa está integralmente dependente de poucas pessoas. Em igrejas grandes e saudáveis, algumas soluções para essa barreira natural ao crescimento têm sido o desenvolvimento de pequenos grupos, ou reuniões em lares, ou ainda a reprodução de congregações espontâneas e seletivas a partir da igreja-mãe. Tais soluções vêm da observação de que igrejas, bem como movimentos missionários, centralizados, complexos e grandes demais perdem o seu fator multiplicador quando não são as-

4 *Nossa Igreja Brasileira*. Editora Hagnos 1956, p. 22.

5 Missiólogo e plantador de igrejas nos EUA e Inglaterra, tem servido como consultor para desenvolvimentos de estratégias de plantio de igrejas (e trabalho em equipe) em diversas organizações missionárias. Seu site www.dicksgoggings.com provê uma série de artigos e ensaios a respeito do assunto.

sociados a formas intencionais de reprodução.

Ao pensar em igrejas plantadoras de igrejas vêm à minha mente vários bons e saudáveis exemplos. A Igreja Presbiteriana de Aracruz, no Espírito Santo, é um deles. Durante a época em que o Rev. Ceny Tavares liderava aquele grupo, o mesmo cresceu de 37 membros para mais de mil na igreja-mãe e cerca de três mil nas igrejas organizadas, em 21 anos de ministério. A fim de facilitar o crescimento, novas igrejas passaram a ser plantadas, intencionalmente, como um desmembramento espontâneo da igreja-mãe. Assim, pontos de pregação eram formados, passando a congregações a partir de certo número de famílias que eram desafiadas a se ligarem a essa nova comunidade e, finalmente, se organizavam em igrejas autônomas. Ao longo de duas décadas, seis igrejas foram plantadas em uma cidade com pouco mais do que 30 mil habitantes, além de outras dez igrejas e congregações plantadas nos arredores da mesma. Esse movimento de plantio de igrejas possibilitou um crescimento abrangente com a formação de vários pastores, investimento em dezenas de campos missionários locais e transculturais, além de ações sociais relevantes nas áreas de habitação básica, educação e saúde. Segundo o Rev. Ceny Tavares,⁶ os elementos que propiciaram o crescimento de igrejas a partir da igreja-mãe foram principalmente: a) evangelização de casa em casa; b) evangelização sistemática de ruas e bairros com planejamento geográfico; c) treinamento para evangelização com os membros da igreja; d) distribuição abundante de literatura cristã e bíblias; e) início imediato do acompanhamento e discipulado aos novos convertidos; f) utilização dos leigos no processo evangelístico e de discipulado; g) utilização dos cultos dominicais como cenário também evangelístico; h) cruzadas evangelísticas pontuais e cultos em praças públicas; i) aproveitamento de oportunidades de ajuntamento.

Um dos exemplos de aproveitamento de oportunidades de ajuntamento ocorreu em uma final de campeonato estadual em que o time local disputava o título. A Igreja Presbiteriana de Aracruz providenciou um caminhão que foi conduzido ao campo durante o intervalo do jogo,

⁶ Rev. Ceny Tavares atualmente se encontra pastoreando a The Reformed Church in America, em Toronto no Canadá, há seis anos de ministério tendo já plantado 5 igrejas em diferentes lugares do país. www.vidanova.ca.

que serviu de plataforma para a pregação do evangelho para mais de dez mil pessoas naqueles poucos minutos. Além do estádio atipicamente silencioso ouvindo a Palavra, várias pessoas passaram a participar dos cultos e se entregaram a Cristo nos dias seguintes. Pessoas que jamais entrariam em um templo evangélico para ouvir a Palavra de Deus. Esse modelo de multiplicação de igrejas propiciou à Igreja Presbiteriana de Aracruz uma possibilidade de crescimento saudável, sem se tornar imobilizada pelo gigantismo.

Centralização e elitização do clero

A centralização do clero tem sido, na história da igreja, uma consequência de sua elitização. A “constantinização” da igreja a partir do Concílio de Nicéia, no ano 325, não deu apenas legalização para a fé cristã no Império Romano, mas iniciou o processo de elitização do clero de forma mais ampla. Dessa forma, os elementos da verdade cristã passaram a ser manipulados por poucos na condução de muitos. Isso envolveu a leitura e pregação da Palavra, a liturgia cútica, os sacramentos e a legitimidade espiritual perante o povo. De forma oposta, no primeiro século, os líderes encarnavam a figura de servos. Os apóstolos serviam a Igreja com o ensino da Palavra e os diáconos serviam a mesa para que os apóstolos pudessem realizar seu ministério. Ou seja, a liderança eclesiástica, de forma geral, tinha seus olhos focados no serviço para o qual foram chamados, por Deus, a realizar na igreja e no mundo. Eram servos.

Osio de Córdoba, no concílio do quarto século, defende e homologa o que já ocorria há algum tempo em várias regiões nas quais o Cristianismo se enraizou: a transformação de um clero servil em um clero a ser servido. Há uma metamorfose de líderes eclesiásticos, os quais eram chamados para servir a Deus na Igreja, mas, agora, se centralizam nas mesmas fazendo com que toda sua existência, organização, recursos e vocações orbitem ao seu redor.

Em nossos dias sentimos, mesmo na igreja evangélica, forte tendência a uma liderança cada vez mais centralizadora e elitizada. Se

por um lado a elitização do clero é consequência da postura da própria igreja que mistifica e destaca seus líderes como seres especiais, acima da normalidade, por outro é fruto também do coração enganoso do próprio líder que procura para si uma posição em que seja servido, admirado e seguido sem questionamentos. É algo que nasce do coração e fruto da soberba. Uma das formas de andarmos na contramão dessa postura egocêntrica na liderança é guardarmos nossos corações perante o Senhor em oração e meditação na Palavra. Em sua palestra “Pastoreando em meio ao caos”,⁷ Ricardo Agreste⁸ nos desafia a, como pastores, servirmos ao Reino e não a nós mesmos. E para nos posicionarmos como servos é necessário estarmos ligados a Cristo, que nos ensina o caminho. Ele menciona que “na medida em que oramos, ganhamos sensibilidade para perceber o que Deus está fazendo em nossas próprias vidas... A oração, diferentemente de muitas práticas contemporâneas, nos torna mais prontos ao mover de Deus e à confiança no que Ele está fazendo”.

Ao pensar em movimentos evangelísticos de plantio de igrejas a partir da força leiga vem à minha mente a Juvep, no sertão brasileiro. A Juvep⁹ foi fundada em 1981 em João Pessoa, Paraíba, com a visão de plantio de igrejas no sertão a partir da evangelização intencional e assistência social. Sérgio Ribeiro, juntamente com valiosos irmãos e irmãs, implementou uma consciência missionária na instituição a partir da necessidade de estabelecer igrejas que pudessem ter continuidade em sua vida e reprodução da mensagem nos lugares ainda sem o evangelho. Identificaram a zona rural nordestina com sua população de 12 milhões, apenas 0,1% de evangélicos e cerca de 10 mil povoados sem o testemunho de Cristo. Dessa forma, puseram-se a utilizar um modelo de viagens missionárias com impactos evangelísticos que envolviam caravanas de crentes dispostos a investir alguns dias de suas vidas nesse projeto. Ali, diversas abordagens eram usadas, tanto o evangelismo de casa em casa quanto a assistência de saúde e social. Em um segundo momento, após utilizar a força leiga das igrejas nas cidades nordestinas para es-

7 www.lideranca.org

8 Ricardo Agreste da Silva é Mestre na área de Missões Urbanas pelo Calvin Theological Seminary (USA) e professor do Seminário Presbiteriano do Sul. Plantador da Comunidade Presbiteriana Chácara Primavera em Campinas e coordenador do Projeto Timóteo (ministério com jovens pastores).

9 www.juvep.com.br

ses impactos, a Juvep viu-se dirigida para investir no treinamento de obreiros leigos locais, sertanejos, o que viabilizou um novo passo para a evangelização do sertão nordestino, pois, com obreiros leigos, locais, visionários e treinados seria possível agora haver não apenas impactos evangelísticos pontuais, mas o desenvolvimento de processos de plantio e enraizamento de igrejas sertanejas.

O grande exemplo denominacional brasileiro no quesito de multiplicação de igrejas a partir da força leiga talvez sejam as Assembléias de Deus. Costumava-se afirmar que, em qualquer povoado brasileiro, três instituições estavam presentes: os Correios, o Banco Bradesco e uma Igreja Assembléia de Deus. A força leiga, com a visão da igreja-mãe, atua como pontas-de-lança na evangelização, ajuntamento e viabilização de novas comunidades. Dessa forma, milhares e milhares de igrejas Assembléias de Deus, de diversos ministérios, levaram o evangelho aos lugares mais longínquos de nosso país em cerca de 50 anos de rápido crescimento.

A força leiga, a Igreja de forma geral, quando despertada, mobilizada e treinada na Palavra, pode multiplicar em percentuais altíssimos a força evangelizadora em um projeto de plantio de igrejas locais.

Ausência de estrutura física e logística facilitadora do crescimento

Há dois extremos quando pensamos na estrutura de templos e anexos na vida de uma igreja local. O primeiro é supervalorizarmos sua existência, forma, estética, localização e conforto. O segundo é desvalorizarmos sua função. Uma comunidade, para um crescimento em condições normais, necessita de um ambiente adequado que implique espaço, acesso e localização. Esses três elementos propiciam um bom ambiente para o ensino da Palavra, desenvolvimento de atividades em conjunto, momentos de comunhão e adoração, além de possibilidades de investimento em outras iniciativas, paralelas, como educação e saúde.

Creio que devemos investir em um espaço-ambiente no qual a igreja se reúna, avaliando e adequando tal ambiente à presente vida da

igreja bem como seus alvos futuros. Assim, caso uma igreja local compartilhe a visão de também abençoar e influenciar a comunidade local com uma escola de orientação cristã, é necessário que planeje ou adapte seu templo e espaço a tal dinâmica. Vivemos uma época de templos subutilizados em que um estratégico espaço é aproveitado para pouquíssimas e curtas reuniões semanais.

Na América do Norte, não é incomum encontrarmos várias igrejas compartilhando um mesmo templo, em momentos diferentes para suas reuniões, utilizando mais plenamente a estrutura física e gerando condições para o investimento em outras áreas como missões e ações sociais relevantes. Na Nigéria, igrejas locais nascem, invariavelmente, nas escolas públicas, emprestadas pelo governo nos finais de semana, fazendo com que uma nova igreja tenha fôlego suficiente para investir e concentrar esforços em pessoas e não em construção. As igrejas-lares do Norte da Índia possibilitam um rápido plantio de igrejas (10 mil igrejas-lares foram plantadas por uma só iniciativa missionária local) onde três ou quatro famílias se reúnem em cada casa para adorar a Deus e estudar a Sua Palavra. Essa estratégia logística estrutural minimizou a perseguição sofrida nos templos e possibilitou um crescimento que seria impossível se demandasse construções em larga escala de templos. Na Genebra reformada de Calvino, as escolas eram organizadas ao lado do templo e uma administração centralizada facilitava a operação da mesma. Na Calvary Church Coreana, seus templos e salas são utilizados, durante a semana, para atendimento psicológico, consultas médicas, escola primária e ensino profissionalizante.

A estrutura para o nascimento e crescimento de uma igreja local deve ser observada a partir da visão para o presente ministério. Estamos, no momento, construindo uma igreja indígena na cidadezinha de Santa Isabel do Rio Negro. A visão do ministério, liderado pelos missionários Jaime e Cleide Nascimento, é investir no ensino bíblico infantil. Para tal, planejaram um templo que pudesse privilegiar o espaço para as crianças e prover os elementos necessários para seu bem-estar. Mesmo de madeira e palha, o salão infantil será no espaço mais reservado e tranquilo, adequado à visão. A Presbyterian Church of Ghana, na África, possui como critério a construção de um novo templo (ou aumento das instalações do mesmo) no momento em que a comunidade local

preenche 70% das instalações de culto e salas de ensino bíblico. O pressuposto aqui é que, apesar de não ser um elemento definidor do plantio e crescimento de uma igreja local, a ausência de uma estrutura física e logística contribuirá para o enfraquecimento do ministério de plantar igrejas ou facilitar seu crescimento.

Um dos ótimos exemplos que temos quando pensamos na estruturação de uma igreja local que propicie seu crescimento e reprodução é o ministério da IPM – Igreja Presbiteriana de Manaus. Rev. José João e seu corpo de pastores e líderes, perante um templo que não mais comportava os membros e um crescimento numérico que poderia enfraquecer a comunhão, desenvolveram um trabalho em grupos pequenos que pudesse colaborar para o crescimento e amadurecimento de uma igreja cujo número ultrapassava 2 mil membros, tornando-a assim complexa do ponto de vista do ensino da Palavra, pastoreio, comunhão e de estrutura que a pudesse alojar.

Ao longo dos anos, os pequenos grupos foram implementados gerando ambientes de comunhão em que a pessoa poderia falar, ser ouvida, conhecer outras pessoas, se relacionar e estudar com outros a Palavra. A igreja local, dessa forma, duplicou seu tamanho em poucos anos, pois criou um cenário em que o crente, mesmo membro de uma grande igreja, possui condições de participar efetivamente da comunhão e serviço, e é motivado a evangelizar.

No entanto, a Igreja Presbiteriana de Manaus, desde o pastoreio do Rev. Caio Fábio, pai, que antecederia o Rev. José João, já possuía forte paixão evangelística e atração pelo trabalho junto aos ribeirinhos. Três elementos eram necessários para deslanchar um movimento evangelizador entre ribeirinhos: uma estrutura de transporte (barcos), uma igreja bem mobilizada e equipes organizadas e treinadas para a evangelização em tal realidade. Essas três áreas foram fortalecidas de forma equilibrada ao longo dos anos. Hoje, percebemos que a IPM conta com dez barcos dedicados especificamente à evangelização ribeirinha, cem obreiros treinados, em sua maioria envolvidos com esse ministério, e uma igreja que respira missões entre comunidades ribeirinhas. Nos bastidores, a estrutura é mais complexa a fim de sustentar o avanço. Há pastores especificamente destinados ao pastoreio e à coordenação das equipes em cada rio, como Rev. João Wilson e Rev. Djard dentre out-

ros. Há uma secretaria localizada na igreja que cuida especificamente da movimentação dos barcos e da equipe e uma carga administrativa que a faz funcionar. Tal estrutura, entretanto, possibilitou o desenvolvimento de um projeto forte em significado, relevância e eficácia.

Foco no gerenciamento da instituição e não no pastoreio de pessoas

A influência da autoajuda para finalidades gerenciais da vida cristã, ministérios e igrejas, tem promovido uma perigosa associação da igreja local com o modelo empresarial. Uma crescente ênfase tem sido dada na organização de igrejas a partir do bom gerenciamento de pessoas/estrutura/finanças, perdendo o foco da Palavra, oração, adoração, comunhão e evangelismo e enfatizando puramente a estrutura que promova o bem-estar e o entretenimento.

Há uma clara diferença entre um chefe, um gerente e um pastor. Enquanto o primeiro faz uma instituição trabalhar para si, e ao seu redor, o segundo faz a instituição trabalhar para si mesma, sua valorização e destaque enquanto instituição-empresa perante outras, já um pastor leva a igreja a Deus: desejar Deus, aprender a Palavra de Deus, viver para a glória de Deus. O foco do pastor, em seu ministério, não é a própria igreja, seus resultados visíveis, sua estrutura e sucesso, comparados a outras igrejas, mas a consciência de que, como pastor, leva o rebanho a servir ao Senhor Jesus. Aqueles que visam a igreja, seu sucesso e destaque, como motivação ministerial, podem conquistar excelência gerencial, mas serão inaptos como pastores.

Tenho conhecido e observado algumas igrejas bem gerenciadas na América do Norte, porém imaturas e inconstantes. O bom gerenciamento provê a estrutura logística e física que citamos no ponto anterior, desenvolve uma administração ministerial que possibilita o líder coordenar de forma mais prática cada atividade da igreja e, por fim, trabalha efetivamente com planejamento e metas. Nada seria preocupante se o gerenciamento, em si, não estivesse sendo encarado, e ensinado, como sendo o fator determinante do nascimento e crescimento de uma igreja local. Um dos líderes norte-americanos de uma forte denominação

nacional enfatizou que, a despeito da pregação da Palavra, os fatores gerenciais irão determinar o sucesso do plantio de uma igreja local. Uma afirmação das mais preocupantes.

Esse engano, por vezes, influencia a muitos por um longo período devido à maneira como nós avaliamos uma igreja local. Em uma cultura pós-moderna, globalizada e pragmática, uma igreja local, bem como um ministério, é avaliada de acordo com o sucesso humano que pode ser observado, tocado e contabilizado.

Nós nos esquecemos de que o desejo de Cristo é ter uma igreja que o conheça e o siga. E, para isso, os elementos essenciais para o nascimento de uma igreja local não podem ser definidos a partir do mercado, do consumo, do sucesso quantitativo e projeção no meio, mas pela maturidade cristã entre o povo, pelo amor à Palavra, por seguirem a Cristo. Certa vez, visitei uma igreja no sudeste do Brasil a fim de participar de uma conferência missionária. Enquanto seu líder me apresentava a sua estrutura física e planejamento de metas, entrei em uma sala onde parte da liderança da igreja estava reunida tratando de assuntos pendentes do dia-a-dia da mesma. Observando um pouco, pude perceber o quanto estavam desligados da Palavra de Deus e imaturos nos relacionamentos interpessoais. Ironias e carnalidade eram visíveis na conversa da liderança. Pensei que aquela igreja estava sendo avaliada por Deus mais pela maturidade de seus membros do que pela sua estrutura física e organizacional.

O gerenciamento de um projeto de igreja pode solucionar muitos problemas sócio-humanos e contribuir para o desenvolvimento de hábitos pró-ativos. Porém, apenas o estudo da Palavra amadurece o povo e o faz se parecer mais com Jesus.

Há cinco dinâmicas cristãs ao redor das quais a igreja deve orbitar: a comunhão entre os irmãos, a oração individual e como grupo, a adoração cúltica a Deus, o estudo da Palavra e a evangelização. Se nos concentrarmos nessas dinâmicas teremos assegurado estar plantando uma igreja-igreja e não uma igreja-empresa.

A perda do hábito evangelizador

Normalmente uma nova igreja, bem como seu plantador, possui um hábito evangelizador até a mesma atingir, em média, 200 membros. Com tal membresia é possível sustentar a própria igreja com o uso de recursos humanos e financeiros bem como se pode definir uma estrutura física que venha a preencher a necessidade do grupo, além de haver número suficiente de crentes para a preparação de uma liderança local. Este é normalmente um momento de risco: a perda do hábito evangelizador.

No Canadá, não são poucos os templos que estão à venda e muitos missiólogos canadenses e americanos observam tal fenômeno com curiosidade. Toronto, cidade com uma das maiores incidências de templos evangélicos por pessoa há 50 anos, torna-se hoje a cidade com um dos menores índices de igrejas ainda vivas. Dentre tantos elementos que contribuíram para o arrefecimento das igrejas cristãs na cidade, um dos principais é a perda do hábito evangelizador. Pouquíssimas igrejas canadenses evangelizam seu próprio povo. Pouquíssimas igrejas canadenses evangelizam as próprias famílias que assistem aos cultos e reuniões. A Igreja Metodista de High Park, uma das comunidades cristãs de boa expressão em Toronto, declinou da prioridade da evangelização intencional algumas décadas atrás, quando contava com cerca de três mil membros. Hoje, essa igreja não existe mais e seu templo estava sendo colocado à venda.

Em seu livro *How People Grow*,¹⁰ Cloud e Townsend lançam luz no processo de crescimento de uma igreja local. Um dos fatores de destaque é a continuidade do processo evangelístico e de discipulado. Devemos entender que igrejas locais tendem a, naturalmente, diminuir. São pessoas que falecem, mudam-se ou passam a participar de outras congregações. Esse fator, mesmo em países com alto índice de natalidade, é superior ao crescimento natural, atrelado ao crescimento das famílias. Com o novo fenômeno da flutuação de membros, o compromisso de longo prazo com a igreja local foi substituído por uma tendên-

10 Henry Cloud and John Townsend. 2001. *How people grow*. Zondervan. Grand Rapids

cia crescente de participação relativa em diversas igrejas. Se a igreja local não segue evangelizando e discipulando, dentro de certo espaço de tempo, poderá eventualmente morrer. Muitos motivos foram dados para a morte de boa parte da igreja protestante européia, após ter experimentado tantos avivamentos e ser tremendamente usada por Deus para o envio de missionários e plantadores de igrejas para boa parte do mundo. Um dos motivos mais empíricos para esse esfriamento e morte foi a decadência da evangelização. A Igreja que subsiste hoje na Europa é um reflexo dessa conclusão, pois enfrenta grandes dificuldades para expressar e apresentar Jesus aos que estão ao seu redor. Isso porque, ao evangelizarmos, não apenas comunicamos Cristo a outros, permitindo ver a igreja crescendo e amadurecendo, mas a evangelização também possui um efeito de reafirmação doutrinária. Relembremos-nos do amor e poder de Deus, do sacrifício de Cristo, da obra do Espírito nos convencendo do pecado, do novo nascimento no Senhor Jesus.

Permitam-me citar a Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte como modelo de igreja plantadora de igrejas. Sob o pastoreio do Rev. Ludgero, com o templo localizado em um espaço limitado ao crescimento estrutural no centro da cidade e farta visão multiplicadora, a igreja planta diversas igrejas a cada ano, desafiando famílias da igreja-mãe a se envolverem com esses projetos em diferentes lugares. As igrejas plantadas adquirem autonomia, liberando a igreja-mãe a continuar o processo de plantio de novas igrejas, concentrando energia, finanças e recursos humanos nos novos passos.

O Rev. Ludgero iniciou ali seu pastorado em 1976 permanecendo, no total, por 29 anos. Havia, em 1976, 13 igrejas presbiterianas organizadas na grande Belo Horizonte, boa parte plantada pela iniciativa do Rev. Denoel Eller, então pastor da Primeira Igreja. Hoje são 202 igrejas organizadas e uma quantidade significativa de congregações. A Primeira Igreja conta hoje com 12 congregações, já chegou a ter 32. Havia um presbitério, hoje são 14. O Rev. Ludgero, ao avaliar o ministério da Primeira Igreja nesses anos, entende que ela possui em sua natureza o hábito evangelizador e disposição para o aproveitamento de oportunidades.

Creio que um diferencial a ser observado é a continuidade do hábito evangelizador. Enquanto tantas outras primeiras igrejas foram focadas por sua localização nos centros da cidade, pelo distanciamento do rebanho para bairros mais distantes e pelo cansaço dos anos, aquelas que mantiveram o hábito evangelizador não apenas continuaram crescendo, mas se transformaram em igrejas plantadoras de igrejas. Muito poderia ser dito sobre inúmeras primeiras igrejas de diversas denominações, sobre as quais Deus derramou preciosa graça e foram usadas por Deus para alcançar a cidade e, por vezes, a região ou Estado. Foram as pioneiras. A continuidade do hábito evangelizador, portanto, é condição de vida, de crescimento e multiplicação.

Ausência de planejamento, alvos e organização

O planejamento estratégico nos impulsiona a dimensionar nossos alvos, motivações, estratégias e abordagens. Vimos que o planejamento em si não é condição essencial ao plantio de igrejas, porém de grande valor estratégico e funcional.

Há vasto material escrito sobre processos organizacionais em prol da concretização de uma visão. Gostaria de compartilhar alguns passos que temos utilizado em nosso ministério, a fim de cooperar com aqueles que necessitam trabalhar no planejamento estratégico.

Não há sentido no desenvolvimento de um planejamento sem uma visão definida. A visão determina o rumo, o preço a pagar, a importância da missão e sua relevância. Em 2001, quando fomos desafiados a iniciar uma equipe missionária na Amazônia brasileira, demos os passos necessários para concluir os projetos em andamento em Gana, África, onde atuávamos. Em 2002, realizaríamos os primeiros mapeamentos e levantamento de situação de campo para a formação de uma equipe. Porém, era importante ter uma visão específica.

A Amazônia brasileira conjuga inúmeras necessidades espirituais e sociais. Poderíamos atuar entre ribeirinhos, com evangelização e desenvolvimento social. Ou entre indígenas, com auxílio educacional e

evangelização. Ou ainda nas cidades e povoados centrais, nos quais há uma crescente aglutinação humana. Iniciar um projeto ministerial sem uma visão definida é ser irresponsável com seu tempo, energia e equipe. Rascunhada em minha agenda no final de 2001, nossa visão era: formar uma equipe que atuasse com etnias indígenas ainda sem o evangelho, promovendo ações sociais de relevância e evangelização, a partir de mapeamentos estratégicos e conclusões de necessidade do campo, organização funcional da equipe missionária e coordenação dos esforços e iniciativas. Essa visão era suficiente para desenvolvermos estratégias e pensarmos nas abordagens.

Ore por uma visão definida de Deus. Busque do Senhor Sua visão para seu ministério neste momento de sua vida. Em 1998, realizei uma primeira visita à tribo Chakali, de Gana. Uma etnia com cerca de dez mil pessoas vivendo em uma área remota entre Gana e Costa do Marfim. Com língua ainda ágrafa e um espírito de reclusão, esse grupo não se relacionava muito longe de seu universo tribal. Minha esposa, Rossana, e eu nos envolveríamos com eles durante cerca de dois anos e muito aprenderíamos acompanhando-os durante esse tempo. Em uma de minhas incursões naquele território, seguindo para a aldeia de Dussê por uma savana plana e seca, conversava com um dos caçadores Chakali da região e ele me explicava o processo de caça. Enfatizava que um bom caçador não é um oportunista que sai para trazer carne para casa. Não é alguém que lança a sorte e sai observando onde um animal há de aparecer. Um bom caçador sabe o que busca. Se ele sai de casa para caçar um antílope, ele compreende que o antílope será útil à família e à aldeia. O couro pode fazer novos tambores para as festas. A carne, com bom teor de gordura, pode alimentar crianças que necessitam crescer. Sendo um animal grande, todos podem se alimentar sem que haja falta. Seus ossos, fortes e fáceis de afiar, podem ser usados para fabricar pontas de lança e punhais. Portanto, esse caçador não sai de casa para procurar um animal. Sai de casa para procurar um antílope. Ao longo do caminho encontrará muitas pegadas, porém as que lhe interessam são as de antílope apenas. Nesse dia, ele observará as pegadas de javalis e passará ao largo. Apenas um caçador que tem em mente sua caça, seu alvo, consegue trazer para casa o animal que precisa. Outros, que saem

à caça de qualquer animal, conseguirão o incerto. Só se caça um antílope se sair de casa para caçar antílopes.

Esse meu amigo caçador estava, em outras palavras e em outro contexto, falando sobre visão. A visão era o antílope e apenas ao focar a visão é possível desenvolver estratégias para atingi-la.

Permita-me falar sobre alguns possíveis passos organizacionais:

Primeiramente, é preciso haver uma visão definida, que nos mostre o rumo, que se sustente pelas motivações corretas e aponte para o alvo ao qual desejamos chegar. Talvez a visão do caçador Chakali fosse manter a aldeia alimentada contribuindo para seu bem estar e segurança.

Com a visão bem definida em mente (e é bom escrevê-la) nascem os alvos. Os alvos são as concretizações, a fim de que a visão seja implementada. O caçador Chakali, visionando manter alimentada a aldeia, lança um alvo: caçar um antílope naquele verão. Os alvos podem, e devem, ser específicos e desenhados de forma que cooperem para a implementação da visão.

As estratégias são as maneiras de se atingir um alvo. Para aquele caçador Chakali havia muitas estratégias a serem desenvolvidas: andar só pelas planícies ao final da tarde, com o vento contrário, a fim de surpreender os antílopes que porventura estivessem à beira do riacho Kuku-nha; dormir à beira da mata, de onde saem, à noite, os antílopes para passear nas savanas; ou ainda, camuflar-se com folhas e permanecer imóvel durante as noites. As estratégias são as maneiras que o levarão a atingir seus alvos e, portanto, seguir a visão.

As abordagens são as ferramentas com as quais aplicamos as estratégias. Também chamadas de “atividades”. Pode-se, nesta altura, detalhar mais cada passo e cada fase. A abordagem a partir de uma permanência imóvel e camuflada durante as noites, na caça do antílope, implica atividades como preparar a camuflagem, escolher o local certo

e assim por diante. Essas atividades devem estar claras, a fim de que as estratégias funcionem nos levando a atingir os alvos e seguir a visão.

A esta altura, é possível escrever o projeto, dividi-lo em fases e propor um organograma.

Um projeto de plantio de igrejas pode ser preparado com o seguinte sumário:

Introdução e apresentação da visão.

Problemática e exposição do contexto (grupo, bairro, segmento social) alvo.

Dimensionamento social. Características do grupo.

Justificativa. Por que uma ou mais igrejas devem ser plantadas neste lugar entre este grupo.

Apresentação do perfil da pessoa ou equipe que tenciona plantar igrejas neste contexto.

Alvos gerais.

Alvos específicos.

Estratégias para se atingir os alvos específicos e gerais.

Abordagens (atividades) a serem utilizadas, detalhando as principais estratégias.

Fases do projeto e cronograma de atividades em cada fase.

Períodos de reavaliação.

Conclusão.

Percebo, porém, que a existência de um projeto com visão definida, alvos, estratégias e abordagens, não é suficiente para manter-nos organizados no processo de plantar igrejas. É necessário que o plantador de igrejas tenha, também, uma boa organização pessoal. Conheço projetos brilhantes, com visões claras e ótimas propostas, que nunca foram implementados pela ausência de uma organização pessoal de quem os liderava.

Creio que o plantador de igrejas precisa manter três atividades de organização pessoal básica: a) compreensão do projeto ministerial e

de vida; b) lista de atividades ligadas ao projeto ministerial; c) ambiente de registro de atividades e considerações gerais.

A compreensão do projeto ministerial é vital para definirmos nossa caminhada pessoal. É importante casar nosso projeto ministerial com nossa rotina diária.

O Rev. Hernandes Dias Lopes é um dos mais conhecidos e abençoados conferencistas e escritores em nosso país. Seus sermões e livros têm transformado a vida de milhares e milhares de pessoas. Com dezenas de livros, uma agenda lotada e o pastoreio de uma grande igreja muitos poderiam se perguntar como ele consegue produzir tanto material literário. Ao inquirir sobre sua organização para escrever seus livros, a que momento do dia e como o faz, ele me respondeu que o fazia “a todo momento”. Ao encarnar o projeto ministerial em sua vida diária, ele potencializa seus momentos de trabalho escrevendo ao viajar, em casa, entre aconselhamentos e ao preparar os sermões. A compreensão do projeto ministerial e encarnação do mesmo em nossa rotina de vida são vitais para cumprirmos a visão levando a cabo nosso chamado.

Defendo que cada ministro e, conseqüentemente, plantador de igrejas, deve manter uma boa agenda, na qual organize suas listas de atividades. Pessoalmente, trabalho com quatro listas principais: a permanente (que contém atividades ou “sonhos” mesmo de médio/longo prazo); a atual (que contém atividades para o desenvolvimento dos projetos com os quais estou envolvido); a mensal (que seleciona na “atual” as atividades a serem desenvolvidas naqueles mês); e a semanal (que o faz para a presente semana). É necessário sempre revisar a permanente e sincronizar bem as outras três.

Uma agenda não é a única forma de organização pessoal. Eu a utilizo pela limitação que tenho para concentrar-me no que é de fato importante e coordenar uma lista de prioridades. Há quem o faça sem nada escrever e outros que necessitam de uma equipe ou alguém a quem prestar contas, a fim de que trabalhe bem. O importante é desenvolver um sistema que ajude a saber o que deve fazer, com qual priori-

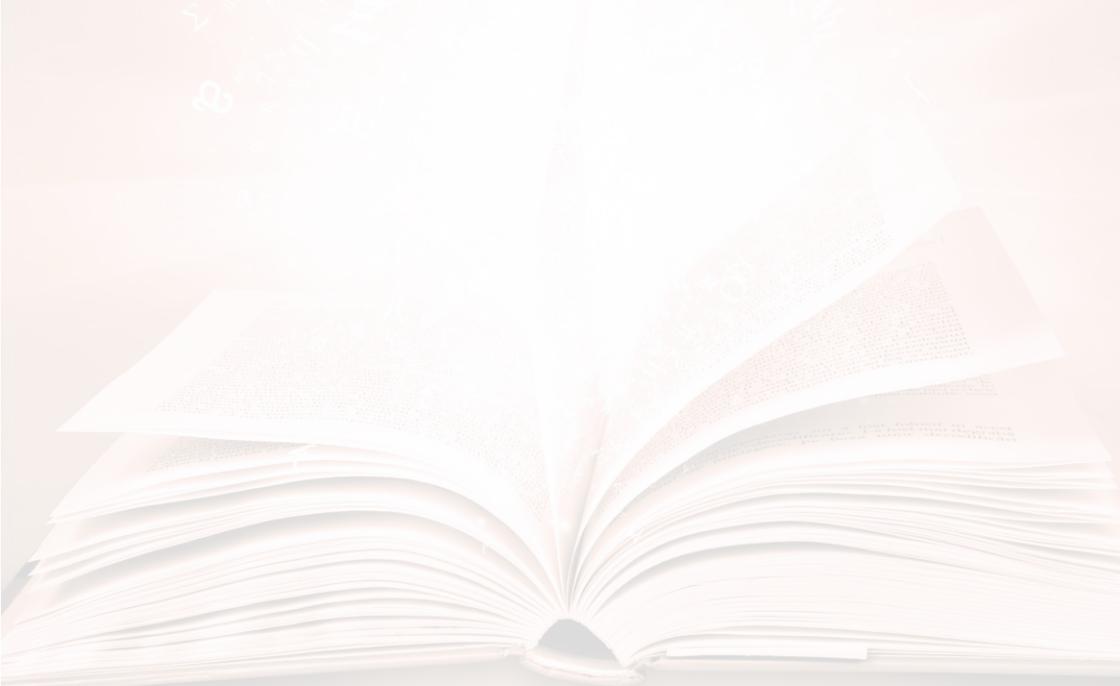
dade e quando.

Um dos ministros que admiro, pela capacidade de administrar e transmitir uma visão, é o Rev. Jeremias Pereira. Anos atrás, ele explicou sua visão de cooperar com “a Igreja pobre”. Tencionava se envolver com aqueles que precisariam de ajuda, motivação ou apoio para levar adiante o evangelho nos lugares mais improváveis e com graves necessidades humanas e sociais. Por onde passo, ao encontrar-me com uma “igreja pobre”, frequentemente ouço da presença ou apoio do Rev. Jeremias e a Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte - nos ribeirinhos da Amazônia, em trabalhos missionários indígenas em lugares remotos, no vale do Jequitinhonha, no sertão Nordestino, além-mar em diversos países. Com uma mente prática e coração cheio da visão de Deus, ele esboça em minutos um plano de ação para que um passo a mais seja dado no apoio do povo de Deus. Administrar uma visão é encarná-la de tal forma que ela possa influenciar seu pensamento diário e gerar atividades práticas e aplicáveis.

Quando menciono a necessidade de um ambiente de registros refiro-me a relatórios que possam ajudar a avaliar o presente projeto. Escreva-os pelo menos a cada três meses. Um arquivo básico (com pastas específicas) deve conter os documentos relacionados ao projeto, relatórios de atividades, relatórios financeiros, registros oficiais, parcerias e contratos, e assim por diante. Ou seja, manter o registro do projeto e seu desenvolvimento é de suma importância para sua posterior avaliação, geração de microprojetos dentro de um projeto maior e, também, para prestação de contas.

Imagino um plantador de igrejas como uma pessoa que tenha no coração a visão de Deus, inflamada, que o incomode e alegre a cada dia. Em sua mente estão as estratégias, borbulhantes, sempre perguntando a si mesmo enquanto caminha se isto ou aquilo poderia cooperar para cumprir a visão. Em suas mãos as ferramentas, o trabalho e o suor. Ele está nas ruas e não em casa. Está caminhando e não recluso. Está entre o povo. Em casa possui uma agenda e um arquivo. Organiza seu projeto de forma a sempre saber pelo que orar, a pensar no próximo passo e

poder avaliar a caminhada. Em sua boca está o evangelho. Não cessa de falar de Cristo. Em seu testemunho está o caráter de Jesus. Mesmo quando calado, deve influenciar quem com ele convive. Se trabalhar em equipe, deve manter o equilíbrio entre a visão e a equipe. A visão define os alvos, mas é preciso conhecer sua equipe, capacidade e limitações, para traçar estratégias viáveis. Ele ora sempre, buscando a Deus e Sua bondade. Deseja servir ao Senhor com tudo o que tem.



Capítulo 2

Estratégias essenciais para o plantio de igrejas

Neste capítulo continuaremos a pensar sobre as estratégias para plantio de igrejas e proporemos algumas delas, a fim de que sejam aplicadas nos mais diversos contextos (urbano, rural e tribal) de forma relevante.

Estratégia 1

Pesquisa e compreensão da sociedade local

Tentar alcançar pessoas, evangelizá-las e agrupá-las em comunidades cristãs, sem antes compreendê-las, é demonstração de soberba e falta de sabedoria. É preciso compreender a população local antes de abordá-la com o evangelho.

Em seu livro “Eles gostam de Jesus, mas não da Igreja”,¹¹ Dan identifica uma geração jovem, globalizada, pós-moderna e pós-igreja, na América do Norte, que admira Jesus, mas nutre repulsa pela Igreja. Tal identificação foi crucial para o processo de plantio de igrejas que se espalhou por várias partes da América. Uma pregação a partir da igreja-povo em vez de igreja-instituição. Programações evangelísticas sempre fora do templo. Intencional proclamação de Cristo, Sua pureza e verdade. Durante o discipulado, porém, a introdução dos conceitos bíblicos da Igreja - sua natureza, valor e limitações.

Sem uma pesquisa e compreensão da sociedade local, Dan certamente não teria alcançado milhares e milhares de jovens que, normalmente, jamais entrariam em um templo e possuíam uma clara barreira contra uma mensagem com a face da Igreja. Mas eram simpáticos a Je-

11 Kimball, Dan. They like Jesus but not the Church. Zondervan. Veja o site www.theylikejesus.com

SUS.

Algumas perguntas devem ser respondidas, inicialmente, em uma pesquisa para compreensão da sociedade com a qual iremos ou já estamos trabalhando. Quantos eles são, onde se localizam, quais os seus meios de subsistência, de onde vêm, como se dividem, como se relacionam, qual a religião predominante, quais outras religiões minoritárias mais influentes, como se organizam e quais são seus grupos de afinidade.¹²

Iniciativas, como a da Sepal (Servindo Pastores e Líderes),¹³ colaboram de forma expressiva para compreendermos a cidade e região para os quais somos direcionados a plantar uma igreja, dando passos mais seguros no desenvolvimento de estratégias. Rubens Muzio¹⁴ nos diz que “o Brasil 21 tem a pesquisa como um dos elementos-chave para o cumprimento dos seus objetivos. Se desejarmos ver o Brasil influenciado pelo evangelho, com igrejas localizadas estrategicamente ao alcance de todo brasileiro, necessitamos tomar conhecimento de quem somos, onde estamos, qual o nosso potencial, até onde temos avançado, para onde estamos indo, e assim por diante. Enquanto não tivermos a informação qualitativa e quantitativa, o risco de tomarmos uma decisão errada é muito maior”.

Em seu artigo “Implantação de igrejas saudáveis – a melhor estratégia”,¹⁵ Muzio propõe alguns passos para uma pesquisa do contexto sócio-cultural e histórico de uma cidade:

a) Coletar dados disponíveis e previamente compilados que apontem para as diferentes realidades religiosas, históricas, sociais e culturais da cidade ou bairro.

12 Para um contexto étnico definido, especialmente animista, proponho a utilização dos métodos. Antropos, na análise cultural da população local e na construção da comunicação do evangelho em contexto intercultural. Mais detalhes podem ser encontrados no site www.antropos.com.br

13 <http://www.lideranca.org/cgi-bin/index.cgi>

14 Mestre em teologia pastoral pelo Calvin Seminary e doutor em teologia pastoral pelo Westminster seminary. É professor da Faculdade Teológica Sul Americana e coordenador do Brasil 2010 no sul do país.

15 www.rubensmuzio.org

b) Adquirir um mapa estratégico de missões urbanas que contenha as divisões sócio-econômicas, geopolíticas e urbanas da cidade ou região.

c) Responder algumas perguntas básicas para cada bairro ou região da cidade visitando os centros religiosos, associações de moradores, projetos sociais, hospitais e outros locais importantes.

d) Aplicar pesquisa quantitativa de igrejas visando localizar as igrejas e templos evangélicos da cidade, a fim de conhecer onde estão localizadas e perceber os espaços ainda não-alcançados pelas igrejas.¹⁶

Ricardo Agreste, com a iniciativa do Centro de Treinamento de Plantadores de Igrejas¹⁷ e outros preciosos consultores, tem sido um estímulo no preparo e capacitação de plantadores de igrejas. Seus cursos focam não apenas o desenvolvimento da compreensão da Igreja (natureza e missão) e o perfil do plantador de igrejas (caráter e competência) como também abordam a importância e metodologia para pesquisa urbana e social, com finalidade de compreender a sociedade em um momento prévio à evangelização.

Uma pesquisa demográfica é fundamental para o processo de plantio de igrejas. Algumas sugestões:

1. Observe o índice e a ocorrência de diversidade social em uma área alvo para o plantio de igrejas.

Se uma cidade no interior de São Paulo possui uma população de 50 mil pessoas, próxima a outra com apenas 10 mil pessoas, um plantador de igrejas observará o conceito de iniciar pelos epicentros, ou centros de aglutinação. Devemos iniciar pelos centros populacionalmente maiores com a finalidade de abrangermos um número maior de pessoas que podem influenciar diversas outras em centros menores. Porém, é necessário observar e conhecer as populações das duas cidades, a de 50 mil e a de 10 mil pessoas, antes de focarmos nossa atenção em um lugar de forma definida, pois há muitas variáveis. Talvez a cidade menor, povoada por 10 mil pessoas, seja altamente homogênea em relação à

¹⁶ Leia o artigo integral no endereço www.rubensmuzio.org

¹⁷ CTPI - Centro de Treinamento de Plantadores de Igrejas – www.ctpi.org.br

classe social, língua, procedência cultural e estilo de vida. Por outro lado, iremos aqui supor, para efeito do nosso estudo, que a cidade povoada por 50 mil pessoas possui oito diferentes fortes agrupamentos de diversidade. Alguns étnicos (procedência cultural), outros sociais (classes econômicas e sociais), outros ligados a estilo de vida, em decorrência dos primeiros. Assim, enquanto uma forte igreja plantada e nutrida poderia ser suficiente para alcançar uma população homogênea de 10 mil pessoas, necessitaríamos plantar dezenas a fim de alcançar a população diversificada de 50 mil. Essa consideração, a partir de uma observação demográfica, é de boa relevância para o plantador de igrejas.

Um estudo demográfico não deve se concentrar no mapa, mas na distribuição humana. Um mapa lhe mostrará as ruas, bairros e centros comerciais. Passeando por esses ambientes é que serão notadas as nuances humanas relevantes. Perceba que, apesar de ser possível plantar uma só igreja que abrace diversos e distintos segmentos sociais e culturais, é pouco provável que isso aconteça, devido à maneira como, antropologicamente, tendemos a nos associar aos que se assemelham a nós. Igrejas multiculturais estão em ascendência na metodologia missiológica mundial, porém, na prática missionária, sua implementação e continuidade é complexa.

Assim, perceba e registre quais são os segmentos culturais, sociais e econômicos ao seu redor ou na área alvo para o plantio da igreja. Estime a população de cada um dos segmentos. Identifique aquele que seja o seu alvo principal, com maior potencial para influenciar outros.

2. Observe se a população na qual atuará é urbana, suburbana, rural ou tribal.

Populações urbanas são, normalmente, mais cautelosas em relação àqueles que não pertencem ao meio. Formam agrupamentos com ênfase na privacidade, trabalho e eventos seletivos - para pequenos grupos. Os símbolos de status são de extrema relevância e identificam as classes sociais e econômicas de forma linear e hierárquica. As tribos urbanas formadas, geralmente, por jovens entre 15 a 25 anos, seguem

tendências próprias e geram grupos fechados, por afinidade. O ponto de afinidade pode ser a moda, ou a atitude rebelde, ou ainda o interesse pelo mesmo estilo musical. Plantadores de igrejas devem observar que sua penetração em tais grupos se dá apenas a partir de uma base relacional com um ou alguns de seus membros. Esforços evangelísticos devem ser direcionados, específicos e não gerais, considerando o perfil distinto entre os diversos segmentos. Um ponto de apoio, uma família ou membro do grupo social alvo, deve ser utilizado para que o evangelho seja apresentado em um ambiente de maior confiança e aceitação.

Populações suburbanas são normalmente estruturadas com base na família e mais abertas ao relacionamento com os de fora. O nível de privacidade é menor e as pessoas tendem a se encontrar e relacionar de maneira mais informal nas praças, ruas e comércio. São abertas à presença de igrejas que se envolvam com a comunidade na tentativa de minimizar suas necessidades sociais. O plantador de igrejas deve morar entre eles e tornar-se um deles. Envolver-se nos programas sociais e comunitários. O esforço evangelístico pode ser mais geral, a todo o grupo, a partir de um ambiente central que crie uma atmosfera de aconchego.

Populações rurais, geralmente, demonstram maior amabilidade com o de fora de seu meio, porém maior desconfiança. Ao passo que a hospitalidade é um valor precioso e aplicável, que insere o outro em seu meio, a desconfiança os mantém interiormente distantes. São mais tradicionais e apegados aos seus valores comunitários e religiosos, o que deve gerar barreiras evidentes à evangelização. O esforço evangelístico deve ocorrer a partir das famílias-chave que fazem parte da tradição comunitária. É necessário se estabelecer entre eles e participar dos eventos rurais.

Populações tribais são exclusivistas, impondo maiores restrições quanto aos de fora de seu meio. Possuem, normalmente, barreiras étnicas como língua e cultura distintas e, assim, o critério para inserção e aceitação do outro na sociedade local é mais lento e complexo. Esse processo envolve adaptação pessoal, envolvimento comunitário, fluência linguística e aptidão cultural. Eles são tradicionais e identificarão, em

um primeiro momento, qualquer expressão religiosa evangelística como sendo alienígena ao seu ambiente e cosmovisão.¹⁸ O esforço evangelístico deve ocorrer a partir da inserção no grupo, do aprendizado da língua, da cultura e da compreensão de sua cosmovisão quanto aos valores e elementos vitais para a exposição do evangelho, como pecado, perdão e salvação.

Portanto, o estudo demográfico pode ser visto como uma primeira estratégia para a evangelização de uma comunidade, objetivando o plantio de uma igreja entre eles.

Desenvolva uma forma de pesquisa, seja através de um questionário direcionador, entrevistas representativas ou observação participativa. Seu alvo é dimensionar o grupo com o qual trabalha, compreendê-lo social e culturalmente, identificar seus segmentos distintos e iniciar o evangelismo com uma abordagem que seja receptiva, funcional e clara.

Estratégia 2

Abundante evangelização

Igrejas não são plantadas em gabinetes pastorais ou centros de reflexão missiológica. São plantadas nas ruas. E, nesse cenário, a quantidade e constância da evangelização tornam-se uma ação fundamental em um processo de plantio de igrejas. Em um campo missionário, seja culturalmente distinto ou geograficamente próximo, a abundância na evangelização deve ser uma prática constante. Alguns campos não frutificam porque investem mais tempo na estruturação eclesiástica ou missionária e menos na evangelização e esse é um perigo que envolve as nossas igrejas locais bem como nossos campos missionários mais distantes.

Estive estudando, durante um trabalho de consultoria missionária, alguns campos no oeste africano (Gana, Costa do Marfim, Nigéria) e na América do Sul (Norte do Brasil, Peru e Colômbia), nos quais diferentes processos de plantio de igrejas estavam em

18 A maneira como se vê e interpreta o universo que o cerca.

andamento. Dividi os campos missionários em duas categorias:

- a) Nível de estruturação: observando a presença de postos missionários bem estabelecidos, boa mobilidade com transporte próprio, sistema de comunicação funcional entre as equipes missionárias e supervisão cultural e linguística.
- b) Nível de evangelização: observando a presença de iniciativas evangelísticas pessoais, múltiplas tentativas de comunicação comunal do evangelho, uso da literatura, filmes etc.

As conclusões já eram esperadas. Igrejas nasciam em maior quantidade e maturidade nos campos nos quais havia abundante evangelização mesmo em detrimento de baixa estrutura missionária. Apenas os campos com abundante evangelização foram visivelmente frutíferos e lidamos aqui com um valor interessante. Apesar de termos plena consciência de que somente a evangelização levará pessoas a Cristo, podemos nos ater a diversas e múltiplas atividades diárias no afã do plantio de uma igreja que nos disperse do foco principal: apresentar Cristo.

Nesse processo de plantio de igrejas é preciso haver um equilíbrio entre a capacitação e o caráter. Conheço alguns PhD's em Missiologia que atuam como missionários ao redor do mundo, os quais, tenho a impressão, não passaram ainda por uma real e pessoal experiência de novo nascimento. Por outro lado, conheço missionários cheios de Deus e apaixonados por Jesus, os quais não tiveram uma oportunidade de preparo que pudesse maximizar seus dons e habilidades e pagam, por vezes, um alto preço devido a isso.

Após três anos entre os Konkombas, quando a Igreja crescia rapidamente e o evangelho alcançava lugares remotos, perguntei aos líderes locais a razão principal pela qual éramos aceitos entre eles: a) habilidade de falar no dialeto local e ser entendido com facilidade; b) compreensão da cultura, costumes e forma de vida Konkomba; c) envolvimento pessoal com a sociedade tribal.

Eles então responderam: “O que leva o nosso povo a parar para ouvi-lo é porque você sempre sorri quando nos vê, parando para nos cumprimentar”. Nessa sociedade relacional, a interação informal com o grupo era, portanto, o fator de ligação e credibilidade que gerava o ambiente propício para parar e ouvir. Esta deve ser uma pergunta a ser respondida em nossa área de ação: que postura, abordagem ou atividade faz com que o povo pare e ouça, em meu meio? Ou: quais são os ambientes em que posso ouvir, aprender e falar?

Se desejamos plantar igrejas, a macroestrutura para subsistência missionária como transporte, mobilidade, comunicação, moradia e capacitação será de grande cooperação para o processo final. Entretanto, o fator determinante será a presença de abundante evangelização.

David Brainerd (1718-1747), na evangelização dos indígenas na América do Norte, registra, para sua surpresa, o maior resultado evangelístico em sua reunião com menor estrutura missionária quando, na ausência do seu intérprete que adoecera, ficou em seu lugar um índio alcoolizado e com pouca fluência no inglês, o qual mal conseguia se sentar sem cair. Em seu diário, após impactante experiência com os efeitos da evangelização mesmo na ausência de uma estrutura ideal, Brainerd escreveu que a mensagem vai além do mensageiro. Não importa o que um plantador de igrejas faça, ele deve priorizar a abundante evangelização.

Estratégia 3

Comunicação de um evangelho Cristocêntrico

Abundante evangelização, por outro lado, é um elemento estratégico e funcional somente se o conteúdo da evangelização for a Palavra de Deus.

Precisamos aqui nos lembrar de que um dos maiores erros no plantio de igrejas é tratar o evangelho como um projeto. O evangelho não é um projeto, é Cristo. E, portanto, é a Palavra de Deus, anúncio da pessoa de Cristo, Sua vida e missão, que converte os corações. Apesar de crer que é necessário, a um plantador de igrejas, ser disciplinado e

organizado, não podemos cair no erro de tratar o evangelho e sua proclamação de forma gerencial e logística.

Frequentemente, percebo iniciativas evangelísticas que possuem uma ótima abordagem humana, clara comunicação, relevante apelo social. Porém, pecca onde não podemos errar: na ausência da Palavra no ato evangelístico. Precisamos revisar o conteúdo das nossas ações evangelísticas, pois temos migrado da centralidade de Cristo para a exposição da igreja. Percebo que muitas iniciativas evangelísticas promovem a igreja, seu ambiente de segurança, moralidade e comunhão, especialmente seu serviço, e não a Cristo. Corremos o risco de abarrotarmos nossas igrejas de associados a um serviço que valoriza a família e moraliza o homem, nada mais.

Há muitas estratégias de movimento de massa que são funcionais, entretanto não são bíblicas. David Hesselgrave alerta-nos dizendo que “nem todo novo pensamento é dirigido pelo Espírito. Nem tudo o que é novo é necessariamente bom. A Bíblia é antiga, o evangelho é antigo e a Grande Comissão é antiga...”. Na verdade, ele defende que neste imenso mar de necessidades no mundo não-alcançado precisamos entender que “o evangelho dá a direção... pois a Palavra precede a nossa visão”.

Lembremo-nos do que centraliza a missiologia neotestamentária. O ponto central da Missiologia do Novo Testamento é o evangelismo, e evangelismo é o ato de proclamar o evangelho.¹⁹ Vamos, portanto, analisar e entender melhor esse evangelho, já que ele é o conteúdo do nosso evangelismo.

Voltemos cerca de dois mil anos no tempo, especificamente na região da Palestina, nos lugares onde Cristo passaria. Imaginem um homem forte, vestido de peles de camelo, sandália gasta, barbas sujas, cabelos longos, carregando em sua bolsa apenas um pouco de mel. Seu nome era João Batista e ele prega ao povo. Seus sermões eram duros; ele falava sobre o “fogo consumidor”, o “machado posto à raiz das

19 O “Euaggelion” – Boas Novas, aponta para uma mensagem cujo conteúdo final é a própria pessoa de Jesus Cristo

árvores” e da “palha queimada em fogo inextinguível” e, durante seus apelos, usava termos fortes como “raça de víboras”.

De repente, aparece perante o povo um outro homem, vestido simplesmente, rodeado por um grupo de homens também simples e com uma voz suave. Era Jesus. Ele, ao contrário de João, vem falando sobre “boas novas” (evangelho) e “boas novas do reino”. Sua mensagem é estranha. Ele vem falando sobre uma forma diferente de viver, uma forma evangélica, moldada pelo evangelho. Uma vida na qual o marido não domina sua esposa, mas a ama. Na qual o perseguido não odeia aquele que o persegue, antes, ora por ele. Na qual o líder cristão não exerce domínio sobre o seu rebanho, mas o serve. Na qual a comunidade dos santos não organiza revoluções contra as más autoridades, porém intercede por elas. Na qual o menor é o maior, morrer é um ganho, só se tornam fortes os que reconhecem a fraqueza. Na qual se anda duas milhas com quem o obriga a andar uma, vira-se a outra face a quem o fere, não há apego a este mundo, pois todos são peregrinos e a terra natal é desconhecida. A garantia que se tem é uma promessa e só se alcança a vida quem primeiro morre. Isto é evangelho, um recipiente de valores a um povo, os “do caminho”.

O evangelho, nos primeiros séculos, era um recipiente dos valores de Deus, os quais reivindicavam um modo transformado de vida. Era prático, visível, existencial e contagiante.

Homens ricos paravam de roubar para devolverem o dinheiro até quatro vezes mais aos que foram por eles ludibriados. Mulheres adúlteras largavam suas vidas de promiscuidade e transformavam-se instantaneamente em testemunhas. Pescadores largavam suas redes para seguirem um carpinteiro de Nazaré. Muitos vendiam tudo o que tinham para distribuírem entre os que nada possuíam. Milhares morriam crucificados ou queimados por se recusarem a negar o seu Senhor, o qual nunca haviam visto face a face. Era o evangelho sendo proclamado e vivido.

Infelizmente, após os séculos, ser evangélico passou a significar apenas um estado denominacional. Gostaria, portanto, que entendês-

semos que o evangelho, dessa forma, não era apenas boas novas, boas notícias, mas boas novas que reivindicavam um modo de vida transformado, segundo os valores de Deus.

Há duas verdades que necessitamos compreender sobre o evangelho: sua procedência e seu conteúdo. No Novo Testamento, confrontamo-nos repetidas vezes com a apresentação do evangelho como “evangelho de Deus”, apontando para a procedência do evangelho, ou seja, ele não é uma invenção humana, mas uma revelação divina. Em 1 Coríntios 9.18, quando Paulo expressa que “evangelizando proponha... o evangelho”, entendemos a princípio que o conteúdo do evangelismo é o evangelho. Mais adiante, no capítulo 15 da mesma carta, Paulo fala à Igreja sobre o “evangelho que vos anunciei” (v.1) e, no verso 3, ele começa a narrar sobre este evangelho dizendo: “... que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia...”, ou seja, Jesus Cristo é o próprio evangelho. Dessa forma, começamos a entender que o conteúdo do evangelismo é o evangelho e o conteúdo do evangelho é Jesus Cristo.

Portanto, podemos afirmar que não há verdadeira e bíblica evangelização sem a apresentação do Senhor Jesus. Históricas cativantes, testemunhos empolgantes, maravilhas e sinais, encenações e boa vontade não substituem o elemento central da evangelização: o Senhor Jesus. Não há evangelismo sem a cruz de Cristo. Não há salvação sem o Seu sangue. Não há salvação em outro nome. Não há história maior que a Sua história.

Devemos nos acautelar de não confundirmos a apresentação da ética cristã com a apresentação de Jesus Cristo. Ouço pregadores e evangelistas que, no afã de se aproximarem do povo e lhes transmitir uma mensagem que lhes soe palatável, nada mais fazem do que defenderem os benefícios da ética cristã, do comportamento cristão, dos valores históricos do Cristianismo. Tal apresentação poderia ser feita, porém, por qualquer descrente ao expor a história do Cristianismo em uma sala de aula. É preciso apresentar Cristo! Expor sua vida como o cumprimento da promessa do Pai. Seu nascimento maravilhoso que in-

seriu esperança na história humana. Seu caráter e vida. Sua morte e ressurreição. Seu sangue resgatador. Seu amor incondicional. Seu caráter de Servo e poder de Rei. O que ele fez em minha vida. Como me transformou. Como fez o mesmo em muitas e muitas pessoas. O que fará também por você. É preciso crer na mensagem, compreender seu valor e segui-Lo. O evangelismo sem Cristo é um palco com palavras soltas, nada mais do que interessantes, que poderão convencer alguns do valor do Cristianismo, mas jamais os levarão à salvação de Deus, pois a salvação de Deus é Cristo.

Estratégia 4

Oração

Patrick Johnstone, um dos maiores missiólogos dos nossos dias, afirma que quando o homem trabalha, o homem trabalha, quando o homem ora, Deus trabalha. Missiólogos e pesquisadores como David Garrison, Patrick Johnstone, David Barrett, Bruce Carlton, J. Johnson e David Watson têm mencionado a clara ligação entre a oração e o plantio de igrejas. Os grupos étnicos, bairros, ruas e cidades que são alvo de oração são, justamente, os povos e lugares nos quais o evangelho tem se enraizado com mais afinco. Essa observação não deveria ser, para nós, uma surpresa, pois cremos que Deus responde as orações.

O Senhor Jesus nos ensinou que a oração, associada à fé, promove uma resposta do Pai (Mt 21.22). Também nos lembrou de que nos embates mais difíceis no Reino de Deus devemos nos preparar com oração e jejum (Mt 17.21). O Mestre também associou a oração à vida diária com Deus, necessidade de todo homem (Lc 6.12), e se entristeceu porque os seus discípulos dormiam quando precisavam vigiar (Lc 22.45). Depois da sua morte, vemos esses discípulos unânimes na oração (At 1.14). Pedro e João saíam juntos para orar (At 3.1) e os apóstolos se reservaram ao ensino da Palavra e oração (At 6.4) para a edificação da Igreja. Paulo nos diz que ora pelas igrejas plantadas (Ef 6.18) e Pedro nos exorta a vigiar em oração (1 Pe 4.7). A oração permeia a Palavra como ensino para nós, a Igreja, e para a sinalização do Reino na terra. Há uma clara associação entre a oração e as respostas de Deus.

Creio que há, possivelmente, no mundo hoje mais de 200 grandes movimentos de plantio de igrejas em pleno andamento. Em todos eles, seus líderes testemunharam a presença de oração intencional, voluntária e abundante. Tanto pela equipe que evangeliza e planta igrejas quanto pelo povo que recebe o evangelho. Se desejamos plantar igrejas precisamos orar.

A oração foi uma atividade constante entre os primeiros convertidos do povo Khmer no Camboja. Ali, 3,3 milhões de pessoas haviam sido mortas no regime autoritário de Pol Pot's, entre 1975 e 1979. Vários cristãos também haviam sido mortos e em 1985 não havia mais do que 450 evangélicos entre o povo Khmer. Porém, o povo orava e o fazia pedindo ao Pai para que o evangelho entrasse em cada casa. A partir de 1999, o número de evangélicos cresceu de 600 para mais de 60 mil, divididos em 700 igrejas. Hoje, se registram mais de 100 mil evangélicos e mais de 800 templos entre eles.

Durante anos, cristãos chineses oraram por uma das cidades mais duras para o evangelho. Assim, a cidade de Kanah, na China, começou a experimentar um rápido crescimento evangélico, mudando o cenário de três igrejas reconhecidas pelo Estado para 57 novas igrejas, dentro de dois anos. Em novembro de 1997, contabilizaram-se mais de 450 igrejas em três províncias e mais de 18 mil pessoas entregaram-se ao Senhor Jesus. Hoje, Kanah é uma das mais influentes regiões cristãs na China, com mais de 500 igrejas reconhecidas.

A oração perseverante por parte dos poucos crentes também foi uma marca constante entre os Kekchi na Guatemala, onde esse grupo com cerca de 400 mil pessoas (vivendo na região de Alta Verapaz) foi impactado pelo evangelho. Entre 1993 e 1997, mais de 20 mil pessoas aceitaram ao Senhor Jesus e 245 congregações nasceram. Entre 1997 e 2000, outras 10 mil pessoas aceitaram ao Senhor Jesus e há entre eles, hoje, mais de 400 igrejas registradas.

A Southern Baptist Mission, nos Estados Unidos da América, orou durante anos pelos Kui, na Índia, um grupo com 1,7 milhões de habitantes na região de Orissa, estado na costa leste da Índia. Os

primeiros convertidos haviam vindo a Cristo em 1914 com missionários ingleses. Nos anos 20, algumas poucas igrejas nasceram. Houve um despertar de oração por aquele lugar, a partir da América. Após 1988, nos anos seguintes, mais de cem igrejas surgiram, especialmente ligadas a missionários da Southern Baptist Mission. Entre 1988 e 1991, as igrejas aumentaram para mais de 200. Entretanto, entre 1993 e 1997, houve um crescimento ainda maior e mais de 900 igrejas foram registradas entre os Kui, com cerca de 80 mil convertidos.

Entre os Mizo, na Índia, o evangelho chegou em 1894 por intermédio de missionários britânicos. Eram conhecidos como uma força missionária que “pregava e orava” para o povo Mizo, com uma população de 686 mil pessoas. Em 1900, contavam com 120 cristãos. Como resultado do avivamento no país de Gales em 1904, um número expressivo de missionários foi enviado para essa etnia. Seguiu-se a isso uma vasta cobertura de oração. Somente a partir dos anos 50 os resultados passaram a ser mais visíveis e conversões eram notificadas em grande número. Hoje, 85% de todos os Mizo na Índia consideram-se cristãos.

Rossana e eu experimentamos momentos abençoados no plantio de igrejas entre os Konkombas. Um fato que guardamos com carinho em nossos corações é a convicção de que o nascer dessas igrejas foi resposta de Deus à oração do Seu povo. Minha mãe, Euza Lidório, coordena um ministério voluntário que iniciou tempo atrás, quando fomos para a África. São os vigilantes de oração. Ela produz calendários mensais com pedidos de oração de missionários de todos os cantos da terra e os distribui gratuitamente para irmãos que desejam formar grupos que orem por esses motivos, semanal ou mesmo diariamente. Hoje, esse ministério conta com mais de 600 grupos espalhados por todo o Brasil, dois deles em penitenciárias, nas quais crentes se reúnem para interceder pela obra missionária. Estamos convictos de que a conversão do povo Konkomba seguiu-se ao movimento de oração. Deus responde as orações.

Mobilize pessoas para orar pelo seu projeto de plantio de igrejas. Seja o primeiro também a interceder diariamente

perante o Pai por ele. Creia que Deus há de responder as orações.

Estratégia 5

Organização de igrejas locais

O ajuntamento dos convertidos em uma comunidade local para comunhão, estudo da Palavra, oração e mútuo encorajamento era a estratégia paulina. A eleição de presbíteros - líderes locais - liberava o apóstolo para o plantio de outras igrejas e contribuía para o amadurecimento da comunidade local (At 14.21-23). O apóstolo Paulo, portanto, não apenas investia sua vida e forças na evangelização, mas concentrava-se também na conclusão deste processo que envolvia discipulado e organização de igrejas locais. Devemos observar uma clara diferença, portanto, entre o evangelismo e o plantio de igrejas. Enquanto o evangelismo se atém à comunicação do evangelho a um indivíduo ou grupo, visando levá-lo ao conhecimento de Cristo, o plantio de igrejas deseja investir no discipulado, ajuntamento dos santos, ensino da Palavra, desenvolvimento de liderança local, momentos de comunhão, adoração e oração, além do enraizamento de um senso missionário.

Michael Green chama a nossa atenção para a dinâmica da Igreja no Novo Testamento. A comunhão entre os irmãos (At 2.44-47) era a marca do povo de Deus. Quando o historiador relata que “todos os que creram estavam juntos”, ele nos leva a refletirmos sobre a própria natureza da igreja. O ajuntamento dos santos não é uma simples estratégia de plantio de igrejas, mas uma fundamental necessidade que temos, enquanto seguidores de Cristo, de partilharmos com o irmão a nossa fé, louvor, testemunho, encorajamento, oração e estudo da Palavra.

Na organização de igrejas locais, precisamos observar algumas orientações bíblicas:

Evangelismo e discipulado são dois elementos que precisam caminhar em equilíbrio. Se houver uma ênfase no primeiro em detrimento do segundo, teremos igrejas superlotadas de pessoas interessadas na Palavra, mas com poucos convertidos e amadurecidos em Cristo.

Na ênfase oposta, teríamos um grupo pequeno de crentes, maduros e firmes, porém vivendo em uma congregação estática sem o acréscimo de novos à fé cristã.

O discipulado é o melhor momento para a identificação da futura liderança local. Um plantador de igrejas deve identificar entre seus discípulos aqueles que são líderes. Deve investir neles com o objetivo de capacitá-los. Além do estudo da Palavra, permita que seus discípulos o acompanhem nas visitas, no evangelismo e na solução de conflitos.

Ajuntamento para o culto público a Deus é um ato que deve ser central na organização de igrejas locais. Nós nos reunimos para Deus e por Deus e o culto público nos lembra disso.

A eleição ou apontamento de líderes locais é um passo importante e deve ser dado com segurança, a partir de crentes que sejam fiéis a Deus, conhecedores da Palavra e já tenham sido testados na fé.

A ceia do Senhor e o batismo promovem a comunhão e compromisso.

A exposição da Palavra, seja em um púlpito de maneira formal ou o ensino de casa em casa em contexto informal, deve ser central na vida da Igreja. Sua maturidade dependerá do conhecimento, amor e compromisso que tem com a Palavra de Deus.

A responsabilidade missionária não deve esperar. Já no discipulado e primeiras reuniões, a igreja deve ser levada a reproduzir aquilo que aprendeu do Senhor perante outros, seja perto, seja longe. Lembre-se de que a igreja, ainda incipiente, somente aprenderá se você a conduzir no evangelismo, levando os novos consigo para o alcance de outros.

Devemos nos lembrar que todo amplo movimento de plantio de igrejas que se tornou regionalmente duradouro contou com um forte envolvimento de pessoas locais desde a primeira fase. O investimento em pessoas locais, passando-lhes a visão, paixão e estratégias, garantirá

um processo de plantio de igrejas que vá além do missionário ou evangelista. Irá além de sua geração. Não devemos medir o quão sólido é um projeto de plantio de igrejas pelo número de pessoas envolvidas ou a estrutura construída para tal. Devemos medi-lo pela quantidade e qualidade de pessoas locais que estão sendo discipuladas e preparadas para a liderança.

A reprodução de igrejas plantadas em uma segunda fase, idealisticamente, deve ser feita através dos frutos em vez da raiz do movimento. Nessa etapa, os missionários já devem estar assumindo uma posição de supervisão da visão e encorajamento, e não de linha de frente. Igrejas devem plantar igrejas. O modelo missionário que sugiro é: inicie, discipule, reproduza, assista, encoraje, parta e supervise.

A fim de termos igrejas com o DNA missionário, é preciso investir no ensino e na experiência. Apelos missionários, estatísticas quanto aos perdidos e histórias desafiadoras não constroem um DNA missionário em uma igreja local. É preciso mesclar dois elementos transformadores: o ensino da Palavra e a experiência evangelística. É preciso pregar sobre o mandato bíblico da evangelização. Expor com clareza qual é nossa missão. Mostrar com evidências bíblicas nossa responsabilidade perante o mundo. É preciso também levar a igreja a experimentar a missão. Levá-los para as ruas, para as esquinas, para as praças e condomínios, nos quais poderão falar abertamente de Jesus, compartilhar sua fé, evangelizar o que está perdido. O ensino da Palavra associado à experiência evangelística são dois elementos construtores de um DNA missionário em uma igreja local embrionária.

Estratégia 6

Discipulado e treinamento de líderes locais

Os crentes no Novo Testamento eram não apenas rapidamente incorporados à igreja, mas também eram discipulados e treinados como líderes locais. A multiplicação de liderança local é proporcional à multiplicação de igrejas. Uma igreja local, sob o critério de crescimento, deve ser analisada pela quantidade e qualidade de líderes em treinamento

em vez da quantidade de membros.²⁰

Michael Green observa que o discipulado na Igreja primitiva era intencional no preparo de homens e mulheres que pudessem evangelizar e plantar novas comunidades cristãs.

Hibbert²¹ avalia que o discipulado é algo a ser realizado de maneira intencional, porém informal e que envolve testemunho pessoal. Ele envolve: a) caminhar com o discípulo – incorporá-lo em sua vida diária de maneira que haja constante comunicação; b) testemunhar ao discípulo – evidenciar com sua vida como é seguir a Jesus; c) ensinar o discípulo – estudar com ele a Palavra de maneira sistemática; d) dar oportunidades ao discípulo – para que ele possa, assim que possível, desenvolver atividades em conjunto com seu discipulador; e) permitir que o discípulo discipule.

Entre os Konkombas, em Gana, identificamos dentre os novos convertidos aqueles que desejavam aprender mais e com maior continuidade. Com esses seis, caminhamos de forma próxima durante cerca de três anos. Convidava-os para me acompanhar em cada visita ou viagem. Estavam presentes no evangelismo público. Acompanhavam-me nas visitas aos enfermos e necessitados bem como na solução de conflitos. Esse grupinho inicial hoje lidera todas as 23 igrejas. São os cinco pastores e Makanda, um dos presbíteros de maior expressão na Igreja dentre os Konkombas.

Ao evangelizar, identifique aqueles que desejam aprender mais. Aqueles que possuem coração ensinável, sede da Palavra e disposição para estar ao seu lado. Com esses, caminhe de forma sistemática por pelo menos dois anos. Estude com eles a Palavra semanalmente. Visite-os no trabalho e em casa. Desenvolva amizade para que tenham liberdade para abrir seus corações. Incorpore-os a algumas de suas atividades ministeriais como visitação e evangelismo público. Insira-os na

20 Cloud, Henry and John Townsend. 2001. How people grow. Zondervan – Grand Rapids.

21 Hibbert, Richard. Op. cit.

vida diária da igreja dando-lhes responsabilidades. Acompanhe-os de perto e lhes dê também desafios: dar publicamente seu testemunho, cooperar com algum ministério da igreja, expor sobre um texto bíblico em um grupo menor. Perceba quando estarão prontos para assumir responsabilidades maiores. Solte-os para que possam caminhar sem você e incentive-os a disciplinador outros.

Estratégia 7

Envolvimento social que promova ações sociais

Lucas 10, ao relatar sobre um sacerdote, um levita e um samaritano perante um homem caído ao longo do caminho, nos fala sobre falsa religiosidade e verdadeiro Cristianismo. O sacerdote, conhecedor da Palavra, e o levita, ministro da adoração a Deus, formavam o clero religioso da época. Sua relutância em parar perante um homem caído ao lado demonstra muito mais que insensibilidade. Mostra que é possível ser Igreja, conhecer a Palavra, se envolver com a adoração a Deus e, ao mesmo tempo, desprezar o desespero humano.

Assim, também podemos plantar igrejas que falam de Cristo e amam a Palavra de Deus, ao mesmo tempo em que desprezamos o desespero daqueles que estão ao nosso redor. É possível haver ajuntamento dos santos em meio à miséria humana sem que esses sequer a observem, e isso ocorre todos os dias.

No estudo demográfico, é preciso observar a comunidade na qual você vive e prega a Palavra. Quais seus anseios e reais necessidades? Quais os elementos de desespero? O que é preciso ser feito? Quais são as causas humanamente perdidas para que com elas nos envolvamos? Onde estão os caídos ao longo do caminho?

É certo que Calvino defendia uma escola para cada igreja na Genebra reformada. Porém, sua influência social foi bem além da educação. Harkness menciona que Calvino nutria o desejo de transformar Genebra na Civit Dei – cidade de Deus. Ganoczy complementa expondo que essa “cidade de Deus” consistia no fato de ver a Palavra pregada, influen-

ciando todos os aspectos da sociedade: a moral, ética, comportamental, educacional e social. Calvino não planejou simplesmente plantar uma igreja em Genebra. Ele planejou influenciar Genebra ao ponto de ela refletir os valores de Cristo.

Ao olharmos para uma área, bairro, cidade, segmento social ou etnia, devemos nos perguntar como podemos comunicar Cristo e a Palavra de modo que os valores do Reino produzam salvação e transformação.

Igrejas plantadas que ao longo dos anos não fomentem transformação, humana e social, são redutos espirituais que, mesmo na busca cútlica pelos valores do Reino, deixam de ser sal da terra e luz do mundo. Alguns passos podem ser dados:

Peça ao Senhor para sensibilizar seu coração, para que você seja levado a se importar e observar as demandas humanas e sociais. Olhe para onde está o sofrimento humano.

Pregue de forma inconformada com o pecado e suas consequências, como a injustiça humana, crendo que Cristo há de salvar a alma e dar senso de justiça ao corpo.

Desenvolva uma linha de ação a partir do perfil da sua igreja. Se há um corpo presente de médicos e enfermeiros, promova clínicas volantes. Se há mães e mulheres dispostas, inicie uma creche de auxílio à comunidade carente. Se há um corpo de psicólogos, desenvolva um programa de auxílio às doenças emocionais.

Inicie um projeto pequeno e experimental. Envolver-se pessoalmente nele.

Envolva a igreja com a sociedade. Deixe que ela sinta o sofrimento humano e passe a se importar. Leve-os a transitar na sociedade local.

Exponha na Palavra a diferença que Cristo faz em uma sociedade, transformando o sofrimento em esperança.

Não se deixe corromper pela revolta contra a miséria e injustiça, pois um espírito revoltado não possui equilíbrio para a batalha. Tenha em mente que a Palavra é o melhor instrumento e o maior bem que você pode usar e entregar a uma sociedade. Somente o evangelho produzirá transformação durável e permanente.

Estratégia 8

Desenvolvimento do perfil de plantador de igrejas

Este é, sem dúvida, um dos assuntos mais complexos quando lidamos com projetos de plantio de igrejas. Há vasto material escrito sobre o assunto, fóruns e consultorias que tentam padronizar o perfil de homens e mulheres que plantam igrejas, analisando seus pontos fortes, suas características pessoais e ministeriais e suas limitações.

Creio que, certamente, há um perfil geral que deve ser observado e citaremos a seguir algumas destas características, ou atitudes, necessárias. Porém, após alguns anos de observação, tenho concluído que o plantio de igrejas não está necessariamente associado ao temperamento ou carisma, mas às convicções e postura. Tenho visto um sem-número de homens e mulheres com todas as características humanas imagináveis para um bom plantio de igrejas, como senso evangelístico, carisma pessoal, pessoalidade, informalidade e dinamismo, parando ao longo do caminho após tentar, sem sucesso, levar adiante um projeto local. Por outro lado, percebo homens e mulheres com características humanas que, em uma primeira análise, pesariam negativamente na balança, como uma forte introversão, falta de carisma pessoal, dificuldade de se comunicar e transitar com frequência na sociedade, pouco dinamismo e assim por diante, mas plantam igrejas que parecem brotar com naturalidade.

Hesselgrave,²² em seu livro “Plantar Igrejas”, trata do perfil do plantador de igrejas destacando sua integridade com Deus, a missão e o povo. Retira, de certa forma, a ênfase na metodologia e a coloca no coração íntegro daquele que ouve o chamado de Deus e deseja obede-

22 Hesselgrave, David. Plantar Igrejas. Edições Vida Nova, São Paulo, 1984.

cer a ele. O fato é que um plantador de igrejas não pode ser identificado apenas por características externas, mas pela postura do coração. Talvez fosse até mesmo redundante afirmar quantos homens e mulheres preparados para o plantio de igrejas, tendo os recursos, a capacitação, o envio da igreja local e o pastoreio e apoio da organização missionária, mas que não vão longe pela falta de integridade. Seja com seu coração, o de outro ou o de Deus.

Portanto, podemos refletir, nesta altura, que as convicções e chamado do plantador de igrejas são muito mais fundamentais para tal ministério do que seu perfil humano. Suas atitudes e disposição farão mais diferença no processo de plantar igrejas do que suas áreas de facilidade e habilidade.

Quando procuro por um plantador de igrejas que junte forças conosco, ou em algum projeto com o qual estejamos associados, tenho em mente cinco características que não devem faltar:

Forte convicção do chamado – a certeza de que ele ali está porque o Senhor assim quer e o convocou para o serviço.

Integridade – para com o chamado do Senhor, os colegas com os quais trabalhará e o povo com quem conviverá.

Espírito ensinável – disposição e humildade para ouvir, ponderar, aprender, fazer escolhas sinceras e ensinar.

Ardor evangelístico – desejo de fazer Jesus conhecido e com iniciativa para tal.

Temor ao Senhor – relaciona-se com Deus como servo disposto a servir.

Alguns erros mais comuns ao plantador de igrejas:

Tratar o plantio de uma igreja de forma puramente gerencial. O plantio de uma igreja é uma atividade espiritual que demanda vida com Deus e com Sua Palavra. O trato gerencial compromete a espiritualidade e foca as atividades promotoras das aglutinações humanas. Os resultados, comuns em diversas situações, são o plantio de igrejas grandes,

mas rasas, e a geração de movimentos com grande mobilização social, mas pouco compromisso com Deus.

Plantar a “igreja dos seus sonhos”, ou seja, uma igreja para si, que possa acomodá-lo e satisfazê-lo ao longo dos anos. Um local que dê segurança ministerial. Essa atitude compromete seu ministério ao submetê-lo a um sonho puramente pessoal. Compromete também a vida e gera incrível frustração, caso seja dirigido por Deus para outro local. Plante igrejas para Deus e Sua glória. Não se sinta tutor da mesma. Concentre-se no ministério e chamado do Senhor e tenha em mente que Ele pode o dirigir para fora da zona de conforto.

Plantar igrejas a partir de outras igrejas. O plantador de igrejas deve estar nas ruas e não nos pátios de outras igrejas. Salvo em caso de esse desmembramento ser uma estratégia para o plantio de novas igrejas, em comum acordo com a igreja-mãe, como tem sido feito com ótimos resultados em diversos lugares. Plantar igrejas a partir de divisões ou atrações de outros rebanhos gerará uma igreja tendente a divisões no futuro. Também enfraquecerá e desmotivará outras igrejas e impedirá a comunhão tranquila entre as comunidades e ministros. Um plantador de igrejas deve começar nas ruas e praças, rádios e tv’s, universidades e escolas primárias, nos abrigos e condomínios de luxo. Onde há gente que ainda não se entregou a Jesus.

Manoel de Oliveira Junior,²³ plantador de igrejas e atual pastor da Igreja Nova Vida em Framingham, EUA, possui uma clara visão sobre as características de um plantador de igrejas. Ele iniciou a Igreja Nova Vida em Framingham em 27 de junho de 1999 com cinco pessoas. Após oito anos de ministério, a igreja conta hoje com 320 membros, tendo contribuído para o plantio de outras três novas igrejas - também entre imigrantes brasileiros. Nos primeiros anos, 70% dos membros eram pessoas que haviam se entregado a Cristo naquele lugar. Recentemente, adquiriram um templo construído em 1872, pertencente à United Church of Christ. Em 1920, essa igreja contava com 1.200 membros, porém, após um processo de liberalismo teológico, não passa hoje de uma

²³ Manoel de Oliveira Junior, 41 anos, é pastor ligado à Presbyterian Church in America, mestre e doutor em ministério urbano pelo Gordon Conwell Theological Seminary e plantador de igrejas.

pequeníssima comunidade com menos de 25 membros. A Igreja Vida Nova adquiriu esse templo, marco histórico da presença do evangelho na cidade e, a partir dali, tem feito diferença na Grande Boston.

Ele expõe cinco características principais para um plantador de igrejas: ter uma boa teologia, cultivar um coração apaixonado pelos perdidos, encarnar seu projeto ministerial, identificar-se com o povo e aproveitar as oportunidades.

Uma boa teologia conduz a uma boa metodologia, com segurança bíblica e valores do Reino. Dessa forma, a Nova Vida compreende que a missão da igreja na Grande Boston envolve participar e minimizar os conflitos humanos entre imigrantes que ali chegam e se estabelecem. A igreja, assim, desenvolveu diversos cursos e grupos de apoio para essa comunidade, como o curso de treinamento financeiro para imigrantes, assessoria aos alcoólatras anônimos (para atingir esse grupo), uma escola de inglês em parceria com o governo e prefeitura para os imigrantes brasileiros (com 180 alunos), um grupo de apoio para mulheres vítimas de violência doméstica e outros mais. Também desenvolvem um apoio às necessidades emocionais através de aconselhamento sistemático, após terem identificado as fontes de estresse do imigrante na região. Pode-se perceber que essas atividades estão diretamente associadas à teologia, compreensão da missão, natureza e propósito da igreja nesse lugar.

Manoel afirma que o plantador de igrejas não deve observar seu ministério como uma oportunidade ministerial, mas como uma proposta de vida. Deve, assim, encarnar seu projeto ministerial. Ao fazer isso, ele irá investir sua vida, envolver sua família e comunicar sua visão àqueles que estão ao seu redor. Cita também a necessidade de aproveitar as oportunidades evangelísticas e de discipulado. Plantar uma igreja entre imigrantes nos Estados Unidos implica em lidar com pessoas que trabalham, muitas vezes, de 12 a 16 horas por dia em dois ou mesmo três empregos e, não raramente, seis ou sete dias por semana. O evangelismo e discipulado precisam ser desenvolvidos de maneira planejada e com aproveitamento de oportunidades. Ele narra que evangelizava e

disciplinava os recém-convertidos nos intervalos do trabalho, nos pátios de estacionamento e, muitas vezes, ao levar e trazer pessoas para seus empregos.

Dentre várias características de um plantador de igrejas, gostaria de pensar um pouco em duas essenciais: ser um visionário e alguém identificado com o povo.

A visão determina nossas atitudes e iniciativas. Iniciar um projeto de plantio de igrejas sem visão definida é como uma viagem sem rumo. A ausência de uma visão definida não apenas compromete o trabalho do plantador de igrejas como também o impede de gerar aliados à sua visão. Quando iniciamos nosso trabalho entre os Konkombas em Gana, na África, nossa visão era “plantar uma igreja nativa, autóctone, bíblica, contextualizada e missionária, que promova o treinamento de liderança local e faça diferença na sociedade tribal Konkomba-Bimonkpele”. Além de ter nascido de uma convicção espiritual, essa visão era algo definido que nos norteava, filtrava nossas prioridades e nos dava critérios de avaliação de nosso ministério.

Uma visão definida irá, eventualmente, sugerir metas, planos, estratégias e abordagens, porém manter a visão é o elemento fundamental sem o qual nenhum ministério poderá se sustentar por muito tempo. Devemos, assim, buscar a visão de Deus a seguir. Bem sabemos que nem toda visão de um homem de Deus, ou da Igreja de Deus é, necessariamente, visão de Deus. Portanto, importa-nos buscar e seguir a visão de Deus. E quando o Senhor a transmite aos nossos corações, somos levados a encarná-la, vivê-la, lutar por ela e influenciar pessoas com tal visão.

A identificação com o povo não é meramente consequência de empatia sociológica a partir da compreensão do segmento humano com o qual você trabalha, mas passional, com envolvimento de alma e coração. Não creio em plantadores de igrejas que não possuem um envolvimento pessoal com o povo alvo, que não transite entre eles, não sintam suas alegrias e angústias, que não se transtorne ao perceber o efei-

to do pecado em suas vidas, que não conheça seus sonhos e não sonhe.

A identificação com o povo alvo é um processo decorrente da vivência. Ou seja, por não termos nascido ali, não possuímos, de maneira natural, os sentimentos, impressões e padrões comportamentais do povo com o qual passamos a trabalhar; é necessário haver convivência, a fim de que haja identificação.

Magno e Fátima são plantadores da igreja batista em Brasília Teimosa, Recife, um bairro desafiador com grave pobreza e todas as mazelas advindas da mesma. Jamais conheci um casal tão identificado com o povo. Em 1986, quando iniciava meu curso de teologia no Recife e tive o privilégio de assessorar e aprender com esse casal, percebi o quanto alguém poderia se envolver com uma visão. Fátima entrava nos prostíbulos para evangelizar as mulheres e saber de sua saúde com a naturalidade de alguém que se senta em um banco no parque. Conhecia cada uma pelo nome, preocupava-se com a insegurança das mesmas e, não raramente, ao sair do lugar, orava por elas e objetivamente as desafiava a abandonar aquela vida e seguir a Cristo. Várias se converteram e seguiram a Jesus.

Porém, tal identificação foi resultado de convivência. Magno e Fátima, sentindo a direção de Deus para evangelizar aquele difícil bairro, decidiram deixar um local confortável para comprar uma casa ali e morar com o povo. Ali também criaram seus filhos, do outro lado da rua construíram a igreja, em todas as esquinas cultivaram amigos e se tornaram não apenas moradores, mas membros daquele bairro. Não há identificação sem convivência.

Samuel Vieira,²⁴ em seu artigo “Motivações para a plantação de igreja: buscando as razões concretas”, destaca, inicialmente, as principais razões equivocadas para o envolvimento no plantio de uma igreja local: a) autopromoção – que tenciona tão somente projetá-lo perante outros ministros e pastores; b) resolução de conflitos – quando sua ex-

²⁴ Bacharel pelo Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas, e Mestre em Teologia pela PUC do Rio de Janeiro-RJ. Professor no Seminário Presbiteriano Brasil Central-GO de Antropologia e Pós-modernismo. Atual Pastor da Igreja Presbiteriana de Anápolis- GO.

períencia pastoral foi negativa e procura, portanto, “algo novo”; c) busca de emprego – quando muitos se envolvem no plantio de igrejas sem vocação, apenas por oportunidade.

Expondo as motivações corretas, Samuel Vieira enfatiza: a) a glória de Deus – o investimento naquilo que é desejo de Deus e apenas para Deus; b) paixão interna – não deseja estar em outro lugar fazendo qualquer outra coisa; c) o entendimento de que a igreja é a forma mais eficiente de evangelização.

Por fim, afirma que “o chamado para plantação de igrejas pode ser uma estratégia que Deus coloca em nossos corações e que nos faz consumir com tal pensamento. Por isto, é necessário que o fogo de Deus acenda mais fortemente em nossos corações. Que sejamos consumidos por tal ideia. Antes de decidirmos que vamos plantar uma nova igreja, deveríamos confirmar nosso chamado, checando nossas motivações, para a referida tarefa”.

É necessário também refletirmos sobre o plantador de igrejas do ponto de vista bíblico-teológico do chamado ministerial. Em Efésios 4.11, o apóstolo Paulo nos ensina que o Senhor chamou,²⁵ em sua Igreja, homens para funções ministeriais definidas, para a edificação do corpo, utilizando cinco categorias: apóstolos, pastores, evangelistas, mestres e profetas. Algumas conclusões textuais são importantes para nós neste momento.

Primeiramente, entendermos que todos os santos fazem parte do corpo, da Igreja de Cristo, porém alguns foram chamados para exercer função específica na edificação dessa Igreja. Em segundo lugar, percebermos que o chamado ministerial é funcional, ou seja, precisamos conhecer o nosso chamado para melhor servirmos ao Senhor. Também entendermos que, dessa forma, muitos podem estar tentando servir a Deus, atuando ministerialmente em algo distinto do seu chamado.

Quando utilizamos um título eclesiástico, seja pastor, evangelista,

25 O termo grego refere-se a convocação. O desejo do mestre, ou general, convocando pessoas para servi-lo em um contexto específico.

reverendo ou bispo, estamos reconhecendo um padrão de tratamento, em decorrência da posição ministerial, utilizado por uma denominação. Nem todo “pastor” tem um chamado pastoral. Muitos são, de fato, mestres. Nem todo “evangelista” é realmente um evangelista. Muitos são pastores. E assim por diante.

Creio que identificarmos o nosso chamado ministerial de maneira funcional à luz de Efésios 4 é fundamental para servirmos a Deus. Não se preocupe demasiadamente para onde você vai, porque a direção geográfica que Deus nos dá muda com frequência. Preocupe-se em saber quem você é ministerialmente. Se um apóstolo, pastor, evangelista, profeta ou mestre.

O apóstolo - do verbo apostelo - indica aquele que é enviado. Refere-se, historicamente, aos que foram enviados por Cristo para a expansão de Sua Igreja. John Knox entendia que o apóstolo era a pedrinha lançada bem longe, aqueles que são enviados aonde ainda a mensagem não chegou, a Igreja não está presente. Maxwell se refere a esses como os abridores de caminho e, na tradição cristã, os apóstolos foram usados por Deus para inserir a mensagem do evangelho em lugares ermos e remotos. Podemos entender que um apóstolo, no sentido funcional do chamado, seja alguém atraído pelos perdidos. Seu desejo é anunciar Cristo e ele o faz com alegria de coração. Ao chegar a um campo, lança o evangelho por toda parte. Quando nasce a Igreja, seu coração já começa a despertar interesse para lugares mais distantes e menos alcançados. Um apóstolo, funcionalmente, é um plantador de igrejas, atraído pelas massas não-alcançadas, sempre pensando em um lugar novo para ir, em um campo novo a semear.

O profeta - profetes no texto original - se refere àquele que fala da parte de Deus. O profeta não possui compromisso enraizado com a Igreja, mas com a mensagem de Deus. Seu prazer está em anunciá-la e quando o faz entende que cumpriu a missão. É inconformado com o mundo e com a Igreja. Não precisa de títulos ou palcos para apresentar a mensagem. O faz com um grupo de cinco pessoas com a mesma intrepidez que o faria para cinco mil. Sua mensagem é inconformada, transfor-

madora, questionadora. Fala ao povo de Deus e fala ao povo sem Deus.

O pastor – poimenos - é um apascentado do rebanho. Seu prazer está em conduzir o rebanho ao Senhor Jesus. Conhece a comunidade que apascenta, se envolve com ela, enraíza-se onde está. Sua alegria é saber como está cada membro da igreja local, quais são suas dores, visitá-los de casa em casa, abraçá-los na porta da igreja. O pastor, poimenos, é pessoal, pastoral, cuidadoso, envolvido com o grupo.

O evangelista - euaggelistes - não é o que entendemos por evangelista. O euaggelistes no Novo Testamento era mais um discipulador. Falava de Cristo, mas seu desejo primordial era levar homens e mulheres a serem transformados “ao molde do evangelho”. O evangelista realiza um trabalho silencioso, pessoal, apaixonado, realiza-se quando há amadurecimento dos novos convertidos. Quando passam a amar a Cristo e a se parecer com ele. Ama o trabalho um a um. Sentar com um interessado no evangelho, ou recém-convertido, e acompanhá-lo discipulando-o. É envolvido com o grupo, mas ainda é mais envolvido com indivíduos.

O mestre - didaskalos - ama a Palavra. Seu prazer está em expor a Bíblia de forma clara. Quando a mesma é compreendida e aplicada, ele se realiza. Não se apega demasiadamente a um grupo, podendo transitar entre vários, visto que a transmissão da Palavra é seu amor maior. Dedicar-se a estudá-la e compreendê-la. Cada nova lição é um ato de amor de Deus para ele e dele para o povo que o ouve.

Há, certamente, irmãos que possuem um chamado ministerial para mais de uma destas funções no corpo. Como Paulo, podemos ter apóstolos-profetas-mestres, porém creio que a maioria de nós possui um chamado primordial, principal, que lhe enche o coração. Aquilo que fazemos com motivação total e também maior facilidade. E o reconhecimento da Igreja também o atesta.

Enviar um poimenos – pastor - para plantar uma igreja onde a Palavra ainda não é conhecida e não há convertidos é uma temeridade, da mesma forma que indicar um apóstolos - plantador de igrejas - para

pastorear um rebanho. Precisamos saber quem somos, em relação a nosso chamado ministerial, e mantermos o foco.

Plantadores de igrejas são pessoas chamadas por Deus para expor o evangelho aonde ele ainda não chegou, ou ainda não floresceu. Seria ideal pensar que em um projeto de plantio de igrejas houvesse uma equipe com irmãos nessas cinco diferentes funções. Em termos práticos, percebo que muitos ministros são mal-direcionados em seus ministérios e o permitem. Às vezes, por falta de oportunidade ideal, outras vezes, por falta de orientação. Tenho visto irmãos, com claro chamado ministerial, atuando em área distante do seu perfil ministerial e pagando por isso um alto preço de desânimo e descontentamento. Se um conselho pudesse ser dado seria este: cumpra o seu ministério para o qual Deus o chamou. Não se contente com nada menos que isso. Não negocie o seu chamado perante convites interessantes e propostas tentadoras. Nem mesmo o desejo do coração de entrar em uma zona de conforto. Lembre-se do seu compromisso com Deus.

Aos seminaristas e estudantes, tenho sugerido que se testem no campo da igreja local ou da rua, dos povoados ou dos condomínios nas metrópoles. Jovens que sonham em plantar igrejas devem ir para onde a Igreja não está. Transitar pelas ruas, conversar com incrédulos, se expor a um projeto (ou cooperação com um projeto) que vise plantar uma igreja onde a Palavra ainda não germinou. Em seis meses poderão compreender se esse é, realmente, o chamado de Deus, se essa é a direção e o que enche o coração. Conheço irmãos abençoados por Deus, com claro chamado ministerial, dons e talentos, mas que têm desanimado da caminhada, porque permanecem fazendo aquilo para o qual outro foi chamado. Responda esta pergunta: à luz de Efésios 4, para o quê você foi chamado ?

Meu pai, Gedeon Lidório, era pastor poimenos, ou pastor-pastor, como gosto de falar. Seu amor estava em acompanhar o rebanho. Conhecê-lo, andar com ele. Até o dia da sua morte, seu programa predileto era visitar os irmãos, saber de suas dores e ajudá-los. Eu era ainda seminarista e lembro-me de que ele, constantemente, me chamava para

ficar postado à porta da igreja após o culto dominical. Seu sorriso largo ao ver cada crente passando. Um abraço e uma pergunta pessoal, às vezes, sobre alguém da família, uma situação no emprego ou algo mais particular. Seu prazer era conhecer o rebanho e caminhar com ele. Sua maior dor era partir para outro lugar.

Saber quem você é, qual o seu chamado, irá cooperar para o avanço do Reino e trará alegria do seu coração.



Capítulo 3

O Espírito Santo e o processo de plantio de igrejas

Planejei escrever o último capítulo deste livro como um reconhecimento de que, sem a ação do Espírito Santo, a compreensão teológica e os princípios bem aplicados não farão nascer uma igreja. Dependemos do Espírito para converter o coração, juntar o povo, levá-lo a adorar a Cristo e inflamá-lo a pregar o evangelho. E o vento sopra onde quer.

Se olharmos o crescimento da igreja, em um panorama mundial, perceberemos que o crescimento evangélico foi 1,5 % maior que o Islã na última década.²⁶ O evangelho já alcançou 22 mil povos nestes últimos dois milênios. Temos já a Bíblia traduzida hoje em 2.220 idiomas. As grandes nações que resistiam o evangelho estão sendo fortemente atingidas pela Palavra, como é o caso da Índia e China, que em breve deverão hospedar a maior Igreja nacional (e informal) sobre a terra. Um movimento missionário apoiado pela Dawn Ministry plantou mais de 10 mil igrejas-lares no Norte da Índia na última década, em uma das áreas tradicionalmente mais fechadas para a evangelização. No Brasil, menos evangelizado como o sertão nordestino, o norte ribeirinho e indígena e o sul católico e espírita, vemos grandes mudanças na última década, com nascimento de novas igrejas, multiplicação de movimentos evangélicos e crescimento da liderança local. Patrick Johnstone nos informa que jamais tivemos um crescimento tão expressivo da igreja como em nossos dias.²⁷

Duas perguntas poderiam surgir perante esse quadro: qual a

²⁶ Há um progressivo avanço do Cristianismo sobre o Islamismo a partir da forte entrada missionária em países islâmicos bem como de um fortalecimento do islamismo radical que tem enfraquecido o apelo do Islã no mundo.

²⁷ Johnstone, Patrick. *The church is bigger than you think*. Fearn, UK: Christian Focus, 1998.

relação entre a expansão do evangelho e a pessoa do Espírito Santo? E, quais os critérios para a Igreja, cheia do Espírito, envolver-se com a expansão do evangelho do Reino?

Em uma macrovisão, percebemos que essa relação poderia ser observada em três áreas distintas, porém, inter-relacionadas. Primeira-mente, por meio da essência da pessoa do Espírito e Sua função na Igreja de Cristo. Em segundo lugar, pela essência da pessoa do Espírito e Sua função na conversão dos perdidos. Finalmente, pela clara ligação entre os avivamentos históricos e o avanço missionário.

A essência da pessoa do Espírito e sua função na Igreja de Cristo.

Em Lucas 24, Jesus promete enviar-nos um consolador, que é o Espírito Santo e que viria sobre a Igreja (em Atos 2) de forma mais permanente. Ali, a Igreja seria revestida de poder. O termo grego utilizado para “consolador” é “parakletos” e, literalmente, significa “estar ao lado”.²⁸ É um termo composto por duas partículas: a preposição “para” - ao lado de - e “kletos”, do verbo “kaleo” – chamar. Portanto, vemos aqui a pessoa do Espírito, cumprimento da promessa, habitando a Igreja, chamado para estar ao seu lado para o propósito de Deus.

Segundo John Knox, a essência da função do Espírito Santo é estar ao lado da Igreja de Cristo, fazê-la possuir a face de Cristo e espalhar o nome de Cristo.²⁹ Nessa percepção, o Espírito Santo trabalha para fazer a Igreja mais parecida com seu Senhor e fazer o nome do Senhor da Igreja conhecido na terra.

A essência da pessoa do Espírito e sua função na conversão dos perdidos.

Creemos que é o Espírito Santo quem convence o homem do seu pecado.

²⁸ Ou permanecer ao lado de alguém. O “parakletos” era um ajudador, colaborador para que alguma missão ou propósito pudesse acontecer.

²⁹ Murray, Stuart. Church planting: Laying foundations. Carlisle, Cumbria. Paternoster, 1998.

O homem natural sabe que é pecador, porém apenas com a intervenção do Espírito ele passa a se sentir perdido. Portanto, em toda apresentação do evangelho, se o Espírito Santo não convencer o homem do pecado e do juízo, nossa exposição da verdade de Cristo não passará de uma apologia humana (1 Ts 1.5).

Francis Shaeffer, em seu *L'abri*, ensina a diferença entre a consciência de pecado e consciência de resgate. Todo ser humano possui uma consciência moral de erro. Ele expõe que a consciência de imperfeição é inerente ao homem e aceita pelo mesmo. Isso, por outro lado, não o leva a se sentir perdido e necessitado de ser resgatado. Sem a intervenção e trabalho do Espírito, o homem natural não busca Deus. Não se sente necessitado de salvação ou perdão.

Todos já passamos por uma experiência evangelística em que apresentamos Cristo a alguém com o coração endurecido. Quem sabe observando o Cristianismo de forma crítica e com zombarias. E lhe apresentamos o mesmo evangelho uma, duas, cinco vezes. Na sexta, nada novo é falado. O mesmo evangelho é apresentado. Porém, nesse momento, a Palavra entra em sua mente, desce ao coração e gera quebrantamento, consciência de que está perdido e precisa de Deus. Há ali uma entrega pessoal ao Senhor Jesus. A pessoa do Espírito Santo, Sua natureza e missão, é quem faz a diferença entre um ouvir acomodado do evangelho e sede de Deus, quebrantamento e entrega a Cristo.

A clara ligação entre os avivamentos históricos e os movimentos missionários.

Se observarmos os ciclos de avivamentos, perceberemos que a proclamação da Palavra torna-se uma consequência natural desta ação do Espírito.³⁰

Como resultado de um avivamento, a partir de 1730, John Wesley, durante 50 anos, pregou cerca de três sermões por dia, a maior parte ao ar livre, tendo percorrido 175 mil quilômetros a cavalo e pregando 40

30 Stott, John. Op. Cit.

mil sermões ao longo de sua vida.

Como resultado de um avivamento, em 1727, a igreja moraviana passa a enviar missionários para todo o mundo conhecido da época, chegando a enviar, ao longo de cem anos, mais de 3.600 missionários.

Como resultado de um avivamento, em 1784, após ler a biografia do missionário David Brainerd, o estudante William Carey foi chamado por Deus para alcançar os indianos. Após uma vida de trabalho, conseguiu traduzir a Palavra de Deus para mais de 20 línguas locais

Como resultado de um avivamento, em 1806, Adoniran Judson teve uma forte experiência com Deus e se propôs a servir a Cristo, indo depois para a Birmânia, onde foi encarcerado e perseguido durante décadas, mas deixou aquele país com 300 igrejas plantadas e mais de 70 pastores.

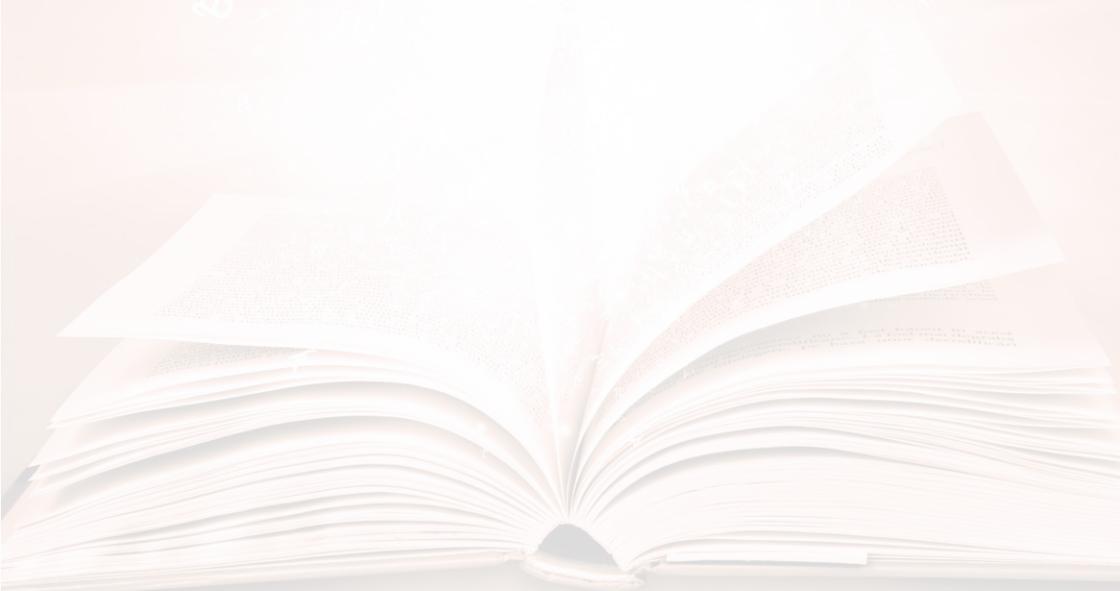
Como resultado de um avivamento, em 1882, Moody pregou na Universidade de Cambridge e sete homens se dispuseram ao Senhor para a obra missionária e impactaram o mundo da época. Foram chamados “os sete de Cambridge”, que incluía Charles Studd.³¹ Foi para a África, percorreu 17 países e pregou a mais de meio milhão de pessoas. Fundou A Missão de Evangelização Mundial (WEC International), que conta hoje com mais de três mil missionários no mundo.

Como resultado de um avivamento, em 1855, Deus falou ao coração de um jovem franzino e não muito saudável para se dispor ao trabalho transcultural em um país idólatra e selvagem. Vários irmãos de sua igreja tentavam dissuadi-lo dizendo: para que ir tão longe se aqui na América do Norte há tanto o que fazer? Ele preferiu ouvir a Deus e foi. Seu nome é Ashbel Green Simonton, que veio e atuou no Brasil, na segunda metade do século 19, sendo o fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil.

31 Um dos maiores desportistas do final do século 19, e milionário, abandonou fortuna e fama para se entregar à obra missionária na África. Fundador da WEC International - Missão AMEM no Brasil

Como resultado de um avivamento, em 1950, no Wheaton College, 500 jovens foram chamados para a obra missionária ao redor do mundo a partir da pregação da Palavra. E obedeceram. Dentre eles estavam Jim Elliot, que foi morto tentando alcançar a tribo Auca na Amazônia, em 1956, e do seu martírio houve um grande avanço missionário em todo o trabalho indígena. Outro desses jovens é o Dr Russel Shedd, que abençoa o nosso país com fidelidade e integridade ao longo dos anos.

Tendo em mente, nessa macroestrutura, os três níveis de relação entre o Espírito Santo e as missões, podemos observar alguns valores bíblicos sobre esse tema, revelados em Atos 2, durante o Pentecostes.



Conclusão

Gostaria de concluir esse texto falando sobre a ação do Espírito Santo em um momento chave do nascer da Igreja de Cristo no Novo Testamento, o Pentecostes.

O Espírito Santo é a pessoa central no capítulo 2 de Atos e Lucas é, justamente, o autor sinóptico que mais fala sobre Ele, utilizando expressões como “ungido” pelo Espírito, ou “poder” do Espírito, ou ainda “dirigido” pelo Espírito, demonstrado que, na teologia lucana, o Espírito Santo era realmente o “Parakletos” que viria.

O Pentecostes, dentre todas as festas judaicas, era, segundo Julius, o evento mais frequentado e acontecia sob clima de reencontros, já que judeus que moravam em terras distantes empreendiam nesta época do ano longas jornadas para ali estar, no quinquagésimo dia após a páscoa.

Chegamos ao momento do Pentecostes. Fenômenos estranhos aos de fora e incomuns à Igreja aconteceram nesse momento e a Palavra resume-os falando sobre um som de “vento impetuoso” (no grego “echos”, usado para o estrondo do mar) e “línguas como de fogo” que pousavam sobre cada um. Diz a Palavra que “ficaram cheios do Espírito Santo” e começaram a falar “em outras línguas”. Lucas fecha o versículo 4 com a expressão “segundo o Espírito lhes concedia”.

Outras línguas. O texto - no versículo 4 - utiliza o termos “eteais glossais” para afirmar que eles falaram em outras “glosse”, línguas, expressão usada para línguas humanas, idiomas. Mas, a fim de não deixar dúvidas, no versículo 8 o texto nos diz que cada um ouviu em sua “própria língua”, usando aqui o termo “dialekto”, que se refere aos dialetos ali presentes. As línguas faladas e ouvidas no Pentecostes,

portanto, eram humanas. Mas, onde ocorreu o milagre? Naquele que falou ou nos ouvidos dos que ouviram? É possível que tenha sido nos ouvidos dos que ouviram, pois a mensagem pregada foi compreendida “idia dialekto” - no próprio dialeto de cada um. O certo, porém, é que Deus atuou sobrenaturalmente, a fim de que a mensagem do Cristo vivo fosse compreendida, clara e nitidamente, por todos os ouvintes.

Em meio a esse momento atordoante (vento, fogo, som e línguas), o improvável acontece. Aquilo que seria apenas uma festa espiritual interna para 120 pessoas, chega até as ruas. O caráter missiológico do evangelho é exposto. O Senhor, com certeza, já queria demonstrar desde os primeiros minutos da chegada definitiva do Espírito sobre a Igreja que este poder – “dinamis” de Deus - não havia sido derramado apenas para um culto cristão restrito, a alegria íntima dos salvos, ou a confirmação da fé dos mártires.

O plano de Deus incluía o mundo de perto e de longe em todas as gerações vindouras e nada melhor do que aquele momento do Pentecostes, quando 14 nações estavam ali presentes, e, no meio da balbúrdia da manifestação de Deus, cada um – milagrosamente – passou a ouvir o evangelho em sua própria língua.

Era o Espírito Santo mostrando, já na sua chegada, para quem viria. Em um só momento, Deus fez cumprir não apenas o “recebereis poder”, mas também o “sereis minhas testemunhas”. A Igreja revestida nasceu com uma missão: testemunhar sobre Jesus.

Daí muitos se convertem e a Igreja passa de 120 crentes para três mil e depois cinco mil. Não sabemos o resultado daqueles representantes de 14 povos voltando para suas terras com o evangelho vivo e claro “em sua própria língua”.

Após o sermão de Pedro, em que anuncia Cristo, o verso 37 diz que “ouvindo eles estas coisas, compungiu-se-lhes o coração” e o termo usado aqui para compungir vem de “katanusso” que, segundo Meyer, é usado para uma “forte ferroadá”, ou ainda “uma dor profunda que faz

a alma chorar”. A Palavra afirma que “naquele dia foram acrescentadas quase três mil almas”. O Espírito Santo usando o cenário do Pentecostes para alcançar homens de perto e de longe.

Podemos retirar daqui algumas conclusões bem claras. Uma delas é que a presença do Espírito Santo leva a mensagem para as ruas, para fora do salão, e alcança pessoas de fora.

Havia naquele lugar, ouvindo a Palavra de Deus através de uma Igreja revestida de poder pelo Espírito Santo, homens de várias nações distantes, judaizantes, além de judeus de perto, que moravam do outro lado da rua. De terras distantes, o texto registra que havia “partos, medos, e elamitas; e os que habitam a Mesopotâmia, a Judéia e a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia e a Panfília, o Egito e as partes da Líbia próximas a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes” e que todos ouviram falar “das grandezas de Deus”.

A ação do Espírito Santo não produz uma Igreja enclausurada

Essa Igreja cheia do Espírito Santo passa a crescer onde está e, em Atos 8, o Senhor a dispersa por todos os cantos da terra. E diz a Palavra que “os que eram dispersos iam por toda parte pregando a Palavra”.

Vicedon nos ensina que uma Igreja cheia do Espírito é uma igreja missionária, proclamadora do evangelho, conduzida para as ruas.

A ação do Espírito Santo não produz uma Igreja segmentada

Após a ação do Espírito sobre os 120, depois três mil, depois cinco mil, não houve segmentação, divisão, grupinhos na Igreja.

Eles eram diferentes. Alguns gostavam de adorar a Deus no templo, outros de casa em casa. Alguns eram judeus, outros judaizantes, outros gentios.

Alguns haviam caminhado com Jesus, outros jamais o viram pes-

soalmente.

Mas a Igreja possuía “um só coração e uma só alma” como resultado direto da ação do Espírito Santo em Atos 2.

A ação do Espírito Santo não produz uma Igreja autocentrada

Certamente, uma Igreja que havia experimentado o poder de Deus, de forma tão próxima e visível, seria impactada pelo sobrenatural.

Porém, quando a ação sobrenatural é conduzida pelo Espírito Santo, a única pessoa que se destaca é Jesus, a única pessoa exaltada é Jesus, a única pessoa que aparece é Jesus. E o resultado é que outros passem a amar mais a Jesus.

Uma igreja plantada não é resultado de habilidade humana ou metodologia certa, mas fruto da ação do Espírito que convence o homem do pecado e do juízo. A dependência da ação do Espírito é, portanto, condição necessária e fundamental para sonharmos ver igrejas nascendo, em Cristo, para Deus.

Trabalhos citados

Bosch, David J. The structure of mission: An exposition of Matthew 28:1-20. Em Exploring church growth, Ed. Wilbert R. Shenk, 218-248. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1983.

----- . Transforming mission: Paradigm shifts in theology of mission. Maryknoll, New York. Orbis, 1991.

Cloud, Henry and John Townsend. How people grow. Zondervan – Grand Rapids, 2001.

Garrison, David. Church Planting Movements. Richmond. International Mission Board of the Southern Baptist Convention, 1999.

Grubb, Norman. C.T.Studd: Cricketer and Pioneer. Lutterworth Press, 2003.

Hesselgrave, David. Planting churches cross-culturally: A guide to home and foreign missions. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1980.

----- . Plantar Igrejas. Edições Vida Nova, São Paulo, 1984.

Hibbert, Richard. Paper: A survey and evaluation of contemporary evangelical theological perspectives on church planting, 2005.

Hiebert, Paul G. and Hiebert Meneses, Eloise. International Ministry: Planting Churches in Band, Tribal, Peasant, and Urban Societies. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1996.

Johnstone, Patrick. The church is bigger than you think. Fearn, UK: Christian Focus, 1998.

Lidorio, Ronaldo. Com a mão no arado. Venda Nova. Editora Betânia, 2006.

----- . Unafraid of the sacred Forest. UK: Christian Focus Publication, 2007.

----- . Indígenas do Brasil. Viçosa. Editora Ultimato. 2005.

Lopes, Augustus. A Bíblia e seus interpretes. São Paulo. Editora Cultura Cristã, 2004.

McGavran, Donald. Reaching People Through New Congregations - Church Growth Strategies That Work. Nashville, TN. Abingdon Press, 1980.

Macchia, Stephen. Becoming a health church. Baker Books – Grand Rapids. 1956.

Malphurs, Aubrey. Planting growing churches for the 21st century. Grand Rapids, MI. Baker, 1988.

Murray, Stuart. Church planting: Laying foundations. Carlisle, Cumbria. Paternoster. 1998.

Nicholls, Bruce J. Contextualização: Uma Teologia do evangelho e Cultura. Trad.: Gordon Chown. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova. 1983.

Norgan, K. Sharing the Gospel. England, 1996.

O evangelho e a Cultura. Série Lausanne, No. 3. 2a. Ed. Belo Horizonte. ABU Editora e Visão Mundial, 1985.

Ramos, Ariovaldo. Nossa Igreja Brasileira. Editora Hagnos, 2003.

Reifler, Hans Ulrich. Antropologia Missionária para o século XXI. Lond-

rina. Editora Descoberta, 2003.

Stott, John. The Living God is a Missionary God. Em Perspectives on the World Christian Movement. Ed. Ralph Winter and Steven Hawthorne, Pasadena: William Carey Library, 1981.

----- . A mensagem de Atos. ABU Editora, 1994.

Tippett, Alan. Introduction to missology. Pasadena, CA. William Carey Library, 1987.

Van Engen, Charles. Footprints of God: A Narrative Theology of Mission. Monrovia, CA, 1999.

Verkuyl, J. Contemporary missiology: An introduction. Grand Rapids, MI. Eerdmans, 1978.

Vicedom, George F. The Mission of God. St. Louis. Concordia, 1965.

Wright, Robin (Org.). Transformando os Deuses – Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil. Campinas. Editora da Unicamp, 1999.

Woodford, Brian. One church, many churches: A five-model approach to church planting and evaluation. WEC Press, 1997.

